

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA GRADUAÇÃO EM
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

JOSUÉ LUCIANO GONÇALVES CORREIA
LIMA

**UMA ANÁLISE DA OBRA DE J.R.R TOLKIEN SOB A PERSPECTIVA DA
TEORIA REALISTA**

Uberlândia- MG

2023

UMA ANÁLISE DA OBRA DE J.R.R TOLKIEN SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA REALISTA

Monografia apresentada ao curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Discente: Josué Luciano Gonçalves Correia Lima

Orientador: Prof. Dr. Aureo de Toledo Gomes

Banca Examinadora: Erwin Pádua Xavier,

Luisa Davi Oliveira de Mesquita

“But in the end it's only a passing thing, this shadow; even darkness must pass.”

J.R.R. Tolkien, *The Lord of the Rings*

RESUMO

As artes, de uma maneira ou de outra, sempre se conectaram com temáticas abordadas dentro dos estudos das Relações internacionais, podendo esta muitas vezes servir como uma ferramenta pedagógica que pode facilitar o entendimento e compreensão de termos e conceitos estudados dentro da disciplina acadêmica. Neste trabalho, busca-se compreender um pouco mais dos preceitos básicos das teorias Realista e Neo Realista das Relações Internacionais a partir de uma análise da obra do professor e escritor britânico Tolkien. A obra de Tolkien é vasta e rica, e nela pode-se identificar, com grande facilidade, inúmeras questões políticas, sociais e culturais que dão respaldo para análises mais complexas dentro da área do conhecimento abrangida pelas Relações Internacionais. Portanto, o trabalho propõe a análise da obra de literatura fantástica utilizando-se principalmente de conceitos ligados à dinâmica da Balança de Poder, muito difundida entre a corrente de pensamento do realismo. Aqui busca-se compreender a dinâmica da balança de poder dentro do universo que serve de cenário para a obra O Senhor dos Anéis. Busca-se entender como, a queda da hegemonia de uma nação, o reino fictício de Númenor, causou uma grande instabilidade no cenário internacional do universo ficcional de Tolkien, a ponto de provocar uma guerra entre as demais nações pela disputa pelo controle da Terra-média.

Palavras-chave: J.R.R Tolkien; Realismo; Neo Realismo; Balança de Poder; O Senhor dos Anéis.

ABSTRACT

The arts, in one way or another, have always been connected with themes addressed within the studies of International Relations, which can often serve as a pedagogical tool that can facilitate the understanding of terms and concepts studied within the academic discipline. In this work, we seek to understand a little more about the basic precepts of the Realist and NeoRealist theories of International Relations based on an analysis of the work of the British professor and writer, Tolkien. Tolkien's work is vast and rich, and we can easily identify countless of: political, social and cultural issues that support a more complex analysis within the area of knowledge covered by International Relations. Therefore, the work proposes the analysis of works of fantastic literature using mainly concepts linked to the dynamics of the Balance of Power, widespread among the realism current of thought. Here we seek to understand the dynamics of the balance of power within the universe that serves as the setting for the work, *The Lord of the Rings*. We seek to understand how the fall of the hegemony of a nation, the fictional kingdom of Númenor, caused great instability on the international scene of Tolkien's fictional universe, to the point of provoking a war between the other nations in the dispute for control of Middle-earth.

Keywords: J.R.R Tolkien; Realism; Neo Realism; Balance of Power; Lord of the Rings.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa de Númenor	27
Figura 2- Mapa de Númenor por Christopher Tolkien.....	28
Figura 3- Mapa de Arda.....	28
Figura 4- Mapa de Mordor.....	36
Figura 5-Mapa das Principais Expedições Númenóreanas.....	50
Figura 6- Mapa da movimentação de tropa da Guerra da Última Aliança.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. SOBRE TOLKIEN, OBJETIVOS, HIPÓTESE E METODOLOGIA.....	11
1.1 A Cosmvisão de Tolkien.....	11
1.2 Objetivo.....	12
1.3 Objetivos específicos.....	12
1.4 Hipotese.....	13
1.5 Metodologia.....	15
2.NÚMENOR: UM HEGEMON GLOBAL.....	17
2.1 Uma contextualização sobre a Primeira Era.....	17
2.2 A balança de poder e o conflito sob a perspectiva das teorias Realista e Neo Realista das Relações Internacionais.....	20
2.3 Fatores primordiais que levaram Númenor a se consolidar como uma potencial global.....	23
2.4 As expedições Numenóreanas.....	29
2.5 Os Anéis de Poder, Mordor e o desafio ao <i>status quo</i>	34
2.6 A consolidação de Númenor quanto uma potência global.....	42
2.7 A queda de Númenor e o desequilíbrio na balança de poder da Terra-média.....	48
3.A GUERRA DA ÚLTIMA ALIANÇA E A SUA RELAÇÃO COM A QUEDA DE NÚMENOR.....	51
3.1 Contextualização dos rearranjos de poder na Terra-média após a queda de Númenor.....	51
3.2 A projeção de poder de Mordor: uma ameaça a todas as nações da Terra-média.....	52
3.3 As alianças forjadas para conter o avanço de mordor e a mobilização das tropas envolvidas no conflito.....	54
3.4 O fim do conflito e as novas estruturas de poder na Terra-média.....	56
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), foi um filólogo, linguista e escritor britânico, responsável pela criação da aclamada saga de literatura fantástica, “ O Senhor dos Anéis”. J.R.R Tolkien, como ficou mundialmente conhecido, criou um universo complexo e extremamente rico, o mundo de Arda, com vasta diversidade étnica, cultural e linguística, repleta de lendas e tradições. O universo fictício que serve como cenário para a maioria das obras do autor foi desenvolvido ao longo de toda sua vida, e apresenta uma complexidade singular, um fator que torna esse mundo crível, e fornece material para estudos e análises nas mais diversas áreas do conhecimento. O mundo criado por Tolkien abriga inúmeras raças, sendo as principais delas: os Elfos , os Homens, os Anãos, os hobbits e os orques, cada qual contendo seus próprios costumes, crenças e preceitos, sejam eles políticos, filosóficos e religiosos.

Além disso, cada povo e etnia possui seu próprio idioma, havendo, portanto neste universo um conjunto de línguas de características também complexas, com as próprias normas e regras semânticas, ortográficas e gramaticais que foram criadas pelo próprio autor. Essa diversidade cultural e étnica, presentes na obra, abrem margem para o estabelecimento de inúmeras redes e relações com elevado nível de complexidade, que inevitavelmente exigem um estudo mais detalhado e atencioso, haja vista que entender as dinâmicas de funcionamento do universo fantasioso de Tolkien, de certa maneira abre margens para que se possa compreender momentos da história do mundo real. Além dos fatores já mencionados, outro fator que corrobora para que estudos e análises mais complexas sobre as dinâmicas internacionais sejam realizadas a partir da obra de Tolkien é o fato de que geografia do universo de Arda ser extremamente desenvolvida.

Esse desenvolvimento geográfico complexo, com o suporte de mapas, cartas cartográficas, estabelecimento de climas, relevo, hidrografia, regiões, disposição de reinos e nações, podem possibilitar reflexões e análises ainda mais profundas e ricas das histórias de Tolkien, que consegue contextualizar vários dos eventos de seu mundo através de localizações e descrições geográficas. Todos os fatores citados, tornam a obra do renomado escritor um objeto de estudo interessante, e de certo modo fascinante para ser observado sob a perspectiva do campo de estudos das Relações Internacionais.

O autor inglês conseguiu reproduzir em seu universo fictício dinâmicas do mundo real de

modo bastante verossímil, principalmente no que tang²e às dinâmicas de poder entre as nações existentes no mundo de Arda. Talvez, tal precisão em criar e desenvolver um mundo tão completo e coeso como este se deve ao contexto e à história de vida do próprio Tolkien. O expoente da literatura fantástica nasceu na África do Sul, uma colônia inglesa, e ainda muito jovem se mudou para o Reino Unido. Se graduou em Literatura Inglesa pela Universidade de Oxford em 1914 e foi convocado para participar da Primeira Guerra Mundial alguns anos mais tarde em 1916. Inclusive, Ronald foi um dos sobreviventes da famigerada Batalha do Somme, que contou com a baixa de aproximadamente um milhão de combatentes. Certamente a participação de Tolkien no conflito foi essencial para que seu universo literário ganhasse contornos tão profundos e vastos (CARPENTER, 2018).

De fato, a guerra é uma temática muito presente nas obras do escritor, que rascunhou muitas das histórias de seu universo enquanto ainda estava no *front* de batalha, tendo sido diretamente influenciado pela Primeira Guerra Mundial na construção de sua obra. Mesmo que ele afirme que suas obras não são analogias ou alegoristas para o mundo real, é inevitável perceber a influência do real no mundo fantástico. Por esse motivo, a realização da análise da dinâmica da guerra dentro do contexto do mundo literário fantástico de J. R. R Tolkien é importante, pois a partir dela é possível compreender muito sobre o período em que a obra foi escrita, e como a Primeira Guerra Mundial e as convulsões europeias impactaram e influenciaram as produções artísticas e culturais daquele período.

Por conseguinte, os escritos de Tolkien apresentam inúmeros pontos de conexão com fatos históricos, em que é possível encontrar paralelos do *lore* da Terra-média com o colonialismo britânico ao final do século XIX, as tensões no continente europeu no pré Primeira Guerra, com a guerra em si, e também com o período entre as duas grandes guerras mundiais. Analisando esses fatos e se voltando para o *Legendarium* (arcabouço de ensaios, poemas e romances da obra de Tolkien relacionados ao universo de Arda), é possível realizar análises amplas dentro desse mundo fictício no que tangem às dinâmicas “internacionais”, sendo possível identificar atores, instituições e sofisticadas dinâmicas políticas, culturais e sociais, com a presença de uma complexa balança de poder.

Partindo dessa premissa, o presente trabalho tem como objetivo recortar o período

¹ No universo fictício de Tolkien, o termo designado para o que seriam “anões”, é Anãos, haja vista que no universo do autor britânico os Anãos são seres de uma outra espécie diferente da Humana. No Brasil o termo “anões”, deixou de ser usado nas traduções da obra de Tolkien a partir de 2019 com as edições da editora Harper Collins.

da Segunda Era do Legendarium de Tolkien e realizar uma análise das dinâmicas e estruturas de poder, dentro do limite temporal escolhido, sob a ótica da teoria Realista e Neo-realista do campo de estudos das Relações Internacionais. Para isso, o trabalho terá como objetivo responder à seguinte problemática: “ Qual a razão para eclosão da guerra contra Sauron?”A partir de tal problemática, este trabalho se guiará a partir da hipótese de que o reino de Númenor assume o papel de grande hegemom do mundo de Arda durante a Segunda Era, sendo uma potência bélica, marítima e colonial, que foi capaz de barrar as primeiras incursões de Sauron, também conhecido como o senhor dos anéis, para conquistar a Terra-Média. Enquanto tentava obter domínio sobre o continente, Sauron teve o avanço de suas tropas barradas por forças Númenorianas que também buscavam o controle da região naquele período. Após ser capturado, o senhor dos anéis, foi levado como prisioneiro para ilha de Númenor onde permaneceu até a queda daquele reino. Um cataclisma dizimou Númenor, Sauron conseguiu escapar da destruição e retornou para seu país, a terra de Mordor no sul da Terra-média onde começou a reagrupar suas tropas e exércitos.

A queda de Númenor no 3310 da Segunda Era (SE) deixou um vácuo e propiciou a instauração de um vasto desequilíbrio de poder na Terra-Média, pois sem a grande potência, não haviam outras nações que pudessem conter de maneira eficaz o avanço das tropas de Mordor. Sauron forjou alianças com países do Oriente e do sul de Arda para ajudá-lo a combater os Elfos , os Anãos e os dois reinos humanos de Arnor e Gondor, que antes eram zonas coloniais de Númenor, e que agora se colocavam como um empecilho em seus planos de conquista. Esse desequilíbrio de poder resultou em uma sangrenta guerra que envolveu todos os povos da Terra-Média, sendo o esfacelamento do reino de Númenor um dos principais motivos que culminaram no grande conflito que abalou todo o continente fictício criado por Tolkien (TOLKIEN, 2022).

O presente trabalho pretende analisar a obra de J.R.R Tolkien sob a perspectiva da teoria realista, e para que a análise proposta nesta monografia atinja o seu objetivo, esta será dividida em três capítulos principais. O primeiro capítulo, intitulado: Sobre Tolkien, objetivos, hipótese e metodologia, traz um pouco da vida de Tolkien, e explica os objetivos da monografia, assim como a metodologia utilizada para a análise aqui realizada. O segundo capítulo, Númenor: um hegemom global, resgata conceitos importantes da teoria realista ao mesmo tempo em que realiza uma contextualização da obra analisada. Neste capítulo é feita uma análise que busca compreender o porquê do reino insular de Númenor ser considerado um poder hegemônico no universo literário do autor britânico. O terceiro e

último capítulo, A guerra da última aliança e sua relação com a queda de Númenor, busca compreender como a queda do reino de Númenor provocou o desequilíbrio na balança de poder da Terra-média, que culminou em uma guerra envolvendo várias nações. E por último há um capítulo de conclusão que amarra as ideias discutidas.

1. SOBRE TOLKIEN, OBJETIVOS, HIPÓTESE E METODOLOGIA

1.1 A Cosmovisão de Tolkien

J.R.R.Tolkien foi um sobrevivente da Primeira Guerra Mundial, tendo passado por experiências terríveis no front de batalha, onde ficou responsável pela comunicação entre as tropas que lutavam no front ocidental com os oficiais que organizavam as mobilizações de batalha. Entender este contexto da vida de Tolkien, portanto, é muito importante para enxergar sua obra não apenas como uma fantasia qualquer, mas como um reflexo de seu tempo, mesmo que o autor tenha reiterado inúmeras vezes que sua obra não fazia alusão ao mundo real, haja vista que Tolkien tinha o objetivo de criar uma obra atemporal e sua própria mitologia (CARPENTER, 2018).

Todavia, inevitavelmente a obra traz as marcas dos horrores que seu idealizador viveu em um dos piores conflitos da história da humanidade, sendo inevitável realizar associações com a estruturação das dinâmicas políticas, sociais, culturais e internacionais do Legendarium com o cenários europeu no pré Primeira Guerra e também no pós guerra. Sua experiência no front e o fato de ter sido um contemporâneo dos eventos que envolvem a Primeira Guerra foram fundamentais para a criação da cosmovisão de seu universo literário. Tolkien possui grande influência dos eventos de seu tempo, que também forma fenômenos muito debatidos pelas vertentes do realismo nas Relações Internacionais. Por si só esse fato já é justificativa contundente para uma análise da obra de Tolkien tomando como base os preceitos realistas, pois conseguimos enxergar no universo fantasioso na qual se passam as histórias da Terra-média, vários elementos que ocorreram do pré Primeira Guerra até o Segunda Guerra, que são amplamente debatidos pela escola de pensamento do realismo.

Os escritos de Tolkien talvez sejam a peça bibliográfica de maior importância deste projeto, haja vista que as obras do autor britânico são objeto de análise em questão. Para este trabalho, as bibliografias focadas em Tolkien escolhidas, são: O Silmarillion, Os Contos Inacabados de Númenor e da Terra-Média, A Queda de Númenor e O Senhor dos Anéis. A partir da delimitação da pesquisa foi feito um recorte temporal dentro do universo fictício da obra do autor, a análise do presente trabalho, portanto, fará uma análise da Segunda Era da Terra-Média, a partir da fundação de Númenor até a Guerra da Última

Aliança, analisando os fatos que ocorreram nesse período com base a comprovar a hipótese desta pesquisa.

Como a Segunda Era da Terra-média possui um vasto conteúdo para análise, informações de período serão coletadas por meio dos quatro livros mencionados anteriormente. Assim como também usará como material de apoio para deixar as análises da obra de Tolkien ainda mais precisas, o Atlas da Terra-Média, escrito pela geógrafa e cartógrafa estadunidense Karen Wynn Fonstad. O Atlas da Terra-média traz um aporte muito válido para as análises que este projeto propõe, haja vista que ele traz estudos e ensaios sobre as movimentações das tropas e a dinâmica do avanço dos exércitos durante a guerra que será analisada pelo presente projeto.

A hipótese será testada por meio da comparação da obra de Tolkien, especificamente os volumes: O Silmarillion, Contos Inacabados, A Queda de Númenor, e Cartas de J.R.R Tolkien, a partir do contexto em que se insere a Guerra da Última Aliança, com o arcabouço teórico do realismo que entende que a guerra possui como um de seus precursores o desequilíbrio de poder, usando para isso as obras e os autores realistas mencionados previamente. Também será usado como material complementar para análise, o Atlas da Terra- Média de Karen Fonstad, que ajudará a entender a compreender o conflito com base na geografia do continente fictício, servindo como material para corroborar com a hipótese.

1.2 Objetivo

O objetivo deste trabalho é verificar qual é razão para a eclosão da guerra contra Sauron sob a ótica das teorias do realismo das Relações Internacionais. Com o intuito de reforçar a ideia da importância de análises literárias como uma ferramenta pedagógica para se compreender os estudos sobre balanço de poder no arcabouço do realismo.

1.3 Objetivos específicos

A partir do aporte teórico de Kenneth Waltz, Hans.j. Morgenthau e Henry Kissinger buscar compreender os pressupostos das teorias realista e neo realista sobre as estruturas e bases que originam os conflitos e a guerra. Busca-se também relacionar os conceitos realistas e neo realistas com a potência de Númenor, explicar sob a perspectiva dessas teorias os motivos pelas quais a nação mencionada pode ser caracterizada como uma potência hegemônica dentro do Legendarium de Tolkien. Um dos principais intuítos é

compreender como a ausência de Númenor do cenário internacional do universo fictício de Tolkien gerou um desequilíbrio de poder, potencializando possíveis conflitos, propiciando um cenário de instabilidade mundial. analisar como a instabilidade gerada no ambiente mundial do universo de Tolkien, levou a convulsões que culminaram na ascensão de Sauron e de sua nação Mordor levando a Guerra da Última Aliança.

1.4 Hipótese

Esta pesquisa parte do pressuposto de que o reino de Númenor é um grande hegemon, com economia forte, poderio bélico de alto nível, com vasta frota naval e com um exército poderoso, atributos, que segundo a teoria realista-que será discutida a seguir com mais afinco- são definidores de uma grande potência hegemônica de caráter global. Ou seja, esta pesquisa partirá do cerne de que Númenor é mantenedora do equilíbrio de poder na Terra-média (TOLKIEN, 2022).

O objetivo é atestar que Númenor era essencial para a manutenção de uma estabilidade e de uma certa paz na terra-média, e que sua ausência levou a Guerra da Última Aliança ao final da Segunda Era. Após o cataclisma que a destruiu, criou-se um vácuo de poder na Terra-média e um cenário de instabilidade e insegurança, que propiciou a Sauron, tirano governante de Mordor, um dos maiores inimigo de Númenor, reerguer sua nação e colocá-la como um possível novo hegemon, estruturando um vasto exército, com fortes alianças com países do Oriente e do extremo sul da Terra-Média, tendo sido capaz de criar uma força militar implacável e praticamente indestrutível que começou a avançar pelo continente ameaçando outras nações como: Lindon, Gondor e Arnor. Ou seja, Mordor, sob o comando de Sauron, se colocou mais uma vez como desafiador do sistema e da balança de poder, e levou à formação de alianças improváveis entre vários reinos e povos, que se uniram para deter seu avanço (TOLKIEN, 2022). Portanto, esse cenário que servirá como o centro deste estudo, realizando uma análise da obra literária com o suporte teórico oferecido pela teoria realista e neo realista, fica evidente, que essa corrente e seu aporte bibliográfico são adequados para a realização da análise que este trabalho propõe. Ademais como a Teoria Realista, principalmente Morgenthau fala sobre balanço de poder, equilíbrio de poder, e tanto Waltz quanto Kissinger focam na temática da guerra, da anarquia do sistema internacional e nas causas da guerra em suas elaborações teóricas, essa corrente de pensamento, valendo-se especificamente dos três autores mencionados, será essencial para a análise proposta neste trabalho, que busca justamente, comprovar o motivo para a grande guerra ao final da Segunda Era da Terra-Média.

A pesquisa a ser realizada neste trabalho pode ser classificada como descritiva-explicativa, com base em uma abordagem que analise a história do universo fictício de J.R.R Tolkien. Em um primeiro momento, a intenção é realizar um amplo estudo sobre o reino ilha de Númenor, iniciando com a fundação dos Portos Cinzentos e de Lindon no primeiro ano da Segunda Era fazendo um breve contexto histórico sobre a criação e o apogeu do reino mais ocidental dos Homens de Arda. Essa breve contextualização deve abranger do ano 1 ao ano 1701 da Segunda Era.

Em seguida será discutido como Númenor se estabeleceu como uma potência colonial e como o reino se tornou a maior nação do universo de Tolkien naqueles dias se estabelecendo como a grande hegemonia militar e cultural. Após isso a análise se voltaria para a ruína do Reino de Númenor no ano de 3310 SE em decorrência de um cataclisma e como a perdição do maior reino já visto na história da Terra-média deixou um enorme vácuo, gerando um desequilíbrio de poder a nível continental que levou a ascensão de Sauron, e a uma guerra que afetou todos os povos e nações do continente fictício (TOLKIEN, 2022).

A análise seria feita à luz da teoria realista das Relações Internacionais usando obras como: *Theory of International Politics* e *The Origins of War in Neorealist Theory* de Waltz, também do livro *Diplomacia* de Kissinger e de artigos de Morgenthau. Além disso as cartas do autor comentando as situações do mundo real que serviram para inspirar sua obra também serão utilizados para embasar a pesquisa, haja vista que Tolkien foi um combatente do exército britânico durante a Primeira Guerra Mundial, e viveu todo o período entre guerras, assim como também experienciou os horrores da Segunda Guerra Mundial, sendo esse período histórico amplamente estudado pela escola realista. Partindo da hipótese de que a queda da potência colonial, bélica e marítima de Númenor, culminou em um grande desequilíbrio de poder que levou a uma imensa instabilidade por toda a Terra-média tendo como últimas consequências a Guerra da Última Aliança.

1.5 Metodologia

O método escolhido para a pesquisa será uma revisão bibliográfica ou documental de caráter qualitativo. Ou seja, o presente trabalho será guiado por meio de um levantamento bibliográfico, em que serão realizados estudos de livros teóricos, artigos científicos e livros literários. As informações coletadas através do levantamento bibliográfico serão analisadas, selecionadas, organizadas de maneira coerente a fim de testar a hipótese levantada para esta monografia. Portanto, a metodologia argumentativa será uma combinação de descritiva com explicativa, haja vista que busca achar associação entre variáveis e também identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

O propósito é realizar uma análise ampla e profunda da obra de Tolkien respaldando-a sob o arcabouço teórico dos autores realistas e neo realistas do campo de estudos em Relações Internacionais. Haja vista que a análise tem como enfoque identificar o balanço de poder e sua causalidade com a guerra dentro do universo fictício de Tolkien, propondo uma visão nova em relação a obra do autor britânico, analisando-a sob a perspectiva realista das Relações Internacionais, algo muito pouco abordado, o presente projeto também se aproxima da metodologia exploratória. Gil diz em seu livro “Como elaborar um projeto de pesquisa”, que: “algumas pesquisas, embora definidas como descritivas com base em seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias”, algo que ocorre neste projeto (GIL, 2022).

Como mencionado, o presente trabalho almeja trazer uma perspectiva nova em relação a obra de JRR Tolkien, buscando uma associação entre o realismo da Relações Internacionais com os escritos do *Legendarium*, o que confere um caráter exploratório à pesquisa. O projeto busca atestar uma hipótese nova e até então pouco explorada em relação aos elementos que estão sendo estudados, delimitando bem o seu tema, ao mesmo tempo em que explora o seu objeto de estudo de maneira intensiva (GIL,2002).

É necessário também fazer um pequeno adendo, por se tratar de uma pesquisa na área das ciências sociais, por esta mesclar elementos descritivos com elementos explicativos o método observacional também será utilizado, haja vista que o objetivo central é testar uma hipótese valendo-se da análise de bibliografias (GIL, 2002).

Para que o presente trabalho seja viável, é necessário o estudo e a revisão de livros, artigos, dissertações, com a finalidade de construir um parâmetro de comparação, com

conceitos e ideias, para então, analisar intensivamente os vários aspectos que compõem o caso estudado e sustentam a hipótese. Neste projeto, no entanto, como a análise central se baseia em um universo literário fictício, os materiais usados como suporte serão aqueles fornecidos por fontes oficiais do criador da obra, J.R.R Tolkien, assim como a bibliografia científica da vertente realista para embasar as conceituações de poder, balanço de poder, colonialismo e guerra dentro do universo fantástico de Arda.

2. NÚMENOR: UM HEGEMON GLOBAL

2.1 Uma contextualização sobre a Primeira Era

A obra de Tolkien é muito vasta e para que se possa alcançar o objetivo pedagógico ao qual o presente artigo se propõe, é necessário que se faça um recorte de contexto mais restrito do universo literário que está sob análise. Para que tal recorte possa funcionar, é necessária uma breve contextualização sobre esse universo, contextualização essa que se faz essencial para que se possa compreender com precisão a hipótese e o objeto de estudo que estão aqui colocados. Portanto, para que se possa compreender os temas aqui debatidos, a seguir será feita uma breve recapitulação da história do Legendarium Tolkieniano.

Dentro do arcabouço mitológico desenvolvido por Tolkien, o mundo de Arda foi criado por um Deus uno, uma divindade suprema, nomeada como Eru. Para além de Eru, existem outros seres divinos, os Valar, que ajudam a divindade principal na manutenção da ordem do mundo. Porém, um dos Valar, Melkor, se revoltou contra os mandos de Eru e se tornou mau, egoísta e perverso e foi exilado de suas funções e atributos. Eru deu aos Valar a missão de cuidarem do mundo físico que estava sendo preparado para os seus filhos: a raça dos Elfos (considerados os primogênitos e os mais sábios, cujo o tempo de vida é indeterminado, diz-se que a vitalidade deles está ligada diretamente com a própria Arda, e que existirão enquanto Arda existir) e a raça dos Homens (os segundos filhos, e mortais, cujo o tempo de vida, segundo Tolkien, é apenas um sopro) (TOLKIEN, 2020).

Assim que o mundo físico ganhou forma, os Valar desceram até ele e começaram a moldá-lo para a chegada dos filhos de Eru, no entanto, sempre tinham seus labores prejudicados por Melkor que fazia de tudo para destruir a criação dos demais Valar. Foi assim, que os seres divinos criaram um continente no extremo Oeste de Varda, Valinor, ali construíram um refúgio seguro e longe da perversidade e destruição perpetrada por Melkor. No entanto, os Elfos despertaram em um lugar longínquo dali, na Terra-Média, que era assombrada pela maldade e escuridão de Melkor. Muitos Elfos foram raptados por Melkor e corrompidos, transformados em criaturas hediondas e cheias de maldade, dando origem à raça dos orques. Diante de tal horror, os Valar decidiram intervir e levaram a guerra até Melkor, derrotaram-no e depois convidaram os Elfos para que partissem com eles para o Oeste, para que pudessem viver na segurança de Valinor sob a luz das grandes árvores Telperion e Laurelin, árvores essas responsáveis por iluminar o mundo e que haviam sido

plantadas por Yavanna, a Valar da fauna e Flora (TOLKIEN, 2020).

Alguns Elfos decidiram ir com os Valar, outros permaneceram na Terra-Média, e Melkor foi feito cativo e aprisionado nas prisões de Mandos (Valar da clarividência e dos mortos). Dentre os clãs que passaram a viver na distante terra de Valinor, um dos que se desenvolveu com grande destaque foram os Noldor, dentre eles Feanor era o maior. Feanor foi um príncipe e ferreiro élfico de habilidades inigualáveis, responsável por criar as coisas mais belas que existiram, as Silmarils. As Silmarils eram três pedras preciosas que continham dentro de si a luz das árvores Telperion e Laurelin, e causavam admiração e assombro de qualquer olho que pusesse sua atenção sobre elas (TOLKIEN 2020).

Após muitos anos, Melkor foi retirado da prisão e colocado em julgamento, mostrando-se arrependido e sendo então libertado para viver entre os Elfos e os demais Valar. No entanto seu coração estava sedento por vingança, e assim que teve contato com as Silmarils, as cobiçou e traçou um plano maligno para possuí-las. Melkor começou a colocar os Elfos uns contra os outros, provocando conflito entre os príncipes dos Noldor. Em meio ao caos instaurado, sem que Elfos e Valar percebessem, Melkor veio como uma sombra e destruiu as árvores Telperion e Laurelin, arrombou os cofres de Feanor, roubou as Silmarils e assassinou Finwe, pai de Feanor (TOLKIEN, 2020).

Feanor amaldiçoou Melkor e lhe batizou com um novo nome, Morgoth, que quer dizer inimigo do mundo. Diante disso Feanor se revoltou e incentivou vários Elfos a partirem com ele para a Terra-média em uma jornada de vingança para recuperar as Silmarils, algo que desagradou os Valar que amaldiçoaram todos os Elfos que seguirem Feanor em sua loucura. Este é o marco para o início da Primeira Era, com os Noldor atravessando o grande mar que separava Valinor da Terra-Média. Com os fragmentos que restaram das árvores, a Valar das Estrelas, Varda, criou o Sol e a Lua, e foi com o primeiro nascer do sol que a raça dos Homens despertou no oriente da Terra-média e que de fato a Primeira Era do mundo começou (TOLKIEN, 2020).

A primeira Era retrata a luta dos Elfos , dos Homens e também, da raça dos Anões contra Morgoth, que fez de tudo para possuir toda a Terra-Média. Por fim, quando as esperanças pareciam perdidas, Earendil, descendente de Fingolfin, irmão mais novo de Feanor, se lançou no mar com um navio. No mastro ele colou a única Silmaril recuperada da pose de Morgoth, para que ela pudesse indicar o caminho até Valinor. Após muita dificuldade, ele conseguiu chegar a terra abençoada e lá suplicou pela ajuda dos Valar, que

o atenderam. Diante disso, houve uma grande guerra, conhecida como Guerra da Ira. A Guerra da Ira uniu todos os povos livres e os Valar contra Morgoth, que foi derrotado e aprisionado para sempre no que Tolkien chama de vazio (TOLKIEN, 2020).

Com a derrota do grande inimigo do mundo, da-se início a Segunda Era. A segunda Era retrata o apogeu dos Elfos na Terra-Média, e a ascensão dos Homens do Oeste. Com o fim da guerra, os Valar concederam a muitos Elfos a permissão para que retornassem a Valinor, e para os Homens que lutaram ao lado dos Elfos, lhes deram uma ilha para que lá pudessem se desenvolver e estabelecer um reino, essa ilha era Númenor, e seu primeiro rei foi Elros, um dos filhos de Earendil. Elros era um semi elfo, ou seja, ele tinha sangue de Homens e sangue de Elfos correndo em suas veias, no entanto ele rejeitou sua herança élfica e abraçou a sua mortalidade, e pelo papel que desempenhou na batalha contra Morgoth, foi escolhido pelos Valar para ser o primeiro rei de Númenor (TOLKIEN, 2020).

Númenor se desenvolveu de uma maneira muito diferente dos demais reinos dos Homens da Terra-Média. Em sua ilha, conseguiram criar tecnologias que nenhum homem do Leste jamais sonhou, desenvolveram vastos conhecimentos nas mais diversas áreas, e se tornaram especialistas na fabricação de navios, o que lhes assegurou no futuro o domínio dos mares. Enquanto isso, na Terra-Média, o reino élfico de Lindon se estabeleceu, governado por Gil Galad, o rei dos Noldor naquele período. Por um longo tempo, as coisas pareciam estar em paz, mas com a derrota de Morgoth, alguns de seus serviçais escaparam, e Sauron foi um deles. Por um tempo, Sauron, se manteve afastado, e diz-se que até mesmo se arrependeu de seus desejos malignos e de seu tempo de servidão a Morgoth, mas seu desejo por querer controlar o mundo e de colocar ordem em todas as coisas era maior (TOLKIEN, 2022). Então ele começou a colocar em prática seus planos como diz o seguinte trecho:

Sauron em verdade se arrependeu, ainda que apenas por medo, estando assustado com a queda de Morgoth e a grande ira dos Senhores do Oeste. Mas não fazia parte do poder de Eonwe perdoar aqueles de sua própria ordem, e ele ordenou que Sauron retornasse a Aman e lá recebesse o julgamento de Manwe. Então Sauron se envergonhou, e não estava disposto a retornar humilhado e receber do Valar uma sentença, quiçá, de longa servidão como prova de sua boa fé; pois sob Morgoth o seu poder tinha sido grande. Portanto, quando Eonwe partiu, escondeu-se na Terra-média; e recaiu no mal, pois os laços que Morgoth lançara sobre ele foram muito fortes (TOLKIEN, 2022 p. 96).

Tolkien ainda disse mais sobre a natureza de Sauron em uma carta para Milton Waldman:

Ele continua na Terra-média. Muito lentamente, começando com motivos razoáveis, a reorganização e a reabilitação da ruína da Terra-média, ‘negligenciada pelos deuses’, ele torna-se uma reencarnação do Mal e um ser que anseia pelo Poder Completo- e, desse modo, é consumido ainda mais ferozmente pelo ódio (especialmente dos deuses e dos Elfos) (TOLKIEN, 2022 p. 96).

Em outras ocasiões, Tolkien descreveu outras características sobre o seu antagonista que serão importante para essa análise:

embora o único verdadeiro bem ou motivação racional por trás de toda ordenação, planejamento e organização fosse o bem de todos os habitantes de Arda (mesmo que se admitisse o direito de Sauron de ser o senhor supremo deles, seus “planos”, a ideia proveniente de sua própria mente isolada, tornou-se o único objeto de sua vontade, e um fim, o Fim, em si mesmo (TOLKIEN, 2022 p. 97).

Com isso, conclui-se a contextualização necessária para que se possa compreender o que será debatido nesse artigo. Com a devida apresentação da origem do reino de Númenor, agora, podemos voltar o foco para ele, que é o objeto desta análise. Mas antes que possamos nos aprofundar com o devido rigor em uma análise sobre o reino insular, faz-se necessário a conceituação de alguns termos e temas das Relações Internacionais que serão imprescindíveis para a análise proposta.

2.2 A balança de poder e o conflito sob a perspectiva das teorias Realista e Neo Realista das Relações Internacionais

Para que possamos analisar Númenor e a balança de poder que se formou com a sua consolidação no mundo de Arda, como já mencionado anteriormente, nos valeremos do respaldo da corrente de pensamento realista das Relações Internacionais, que enxerga o cenário internacional como um ambiente anárquico. Nesse sistema anárquico cada nação age por si própria, seguindo a lógica do “cada um por si” (*self help*), em que os Estados se comportam de maneira individualista visando assegurar os seus próprios interesses. Sob esta ótica, Morgenthau diz em sua obra “ A Política entre as Nações” que a única forma de um Estado assegurar sua sobrevivência e seus interesses é por meio da busca pelo poder, que é medido por meios materiais, sendo uma economia forte e um exército notável e poderoso características que demonstram o poderio de uma nação. Quando Morgenthau fala sobre a importância do exército, ele está falando literalmente da materialidade deste, se referindo, por exemplo, ao número de soldados, tamanho das tropas, potencial bélico e

tecnológico. Ou seja, se refere a quão poderoso esse exército pode ser para assegurar os interesses da nação e submeter o outro à sua vontade (MORGENTHAU, 2003) .

Portanto, o "acúmulo" de poder, sob a perspectiva da teoria realista, é uma maneira de uma nação de proteger e assegurar a sua sobrevivência diante um ambiente internacional instável e incerto, haja vista que conflitos podem acontecer nesse ambiente, portanto, essa perspectiva diz que um Estado deve se precaver e se manter seguro dentro do sistema, investido em capacidades que garantam seus interesses nacionais (MORGENTHAU,2003).

Segundo Morgenthau, naturalmente os Estados irão buscar expandir sua zona de influência, seja por meio de pressões, ameaças, ou valendo-se de quaisquer estratégias que estiverem ao seu alcance para promover seus interesses. É a partir dessa reflexão que é possível adentrar em um conceito muito importante para os realistas e que será muito utilizado nas análises deste trabalho, o conceito da Balança de Poder. Sob essa perspectiva, quando um Estado ameaça expandir sua zona de influência sobre uma nação mais fraca, outras nações ao redor tendem a intervir, haja vista que na lógica deste arcabouço teórico qualquer vantagem que uma nação obtenha implicará em uma ameaça futura para outra nação. A partir do exercício deste raciocínio, as grandes nações tentam nivelar seus interesses, de maneira que o poder entre elas seja relativamente parecido, movimento esse em que se observa a manutenção do *status quo*, tendo-se então o estabelecimento de uma balança de poder.

Os interesses das nações envolvidas são assegurados, mas ao mesmo tempo se adaptam a um contexto mais amplo para que haja uma certa estabilidade dentro do cenário internacional. Ou seja, quando surge uma nação ameaçando outra nação ou outras nações, seja por um descontentamento em relação a balança de poder que de alguma maneira esteja prejudicando e afetando os seus interesses, ela passa a ser vista como uma ameaça à balança de poder estabelecida. Aqueles que se sentem ameaçados, portanto, tendem a formar coalizões e alianças para combater aquele que está desafiando o equilíbrio dessa balança (MORGENTHAU,2003).

A visão dos realistas em relação à cooperação internacional é igualmente importante para este trabalho, visto que a cooperação está diretamente atrelada aos interesses dos Estados, ou seja, são estratégias dos estados para alcançarem seus objetivos. Alianças muitas vezes são forjadas para atenderem interesses do momento, e não necessariamente significam que serão longevas e duradouras, ou seja, todas as alianças no realismo são temporárias (MORGENTHAU,2003).

Henry Kissinger, em seu livro Diplomacia, faz uma elaboração teórica muito

interessante que serve para complementar, e de certa forma ratificar as questões levantadas por Morgenthau em sua obra, principalmente as concernentes ao acúmulo de poder e ao equilíbrio da balança. Kissinger discorre sobre a maneira como a Alemanha passou a buscar exercer e expandir o seu poder, se colocando como uma ameaça para o equilíbrio vigente no continente europeu naquele período. Sobretudo, a Alemanha acumulava atributos materiais que a faziam se destacar como uma potência e uma potencial ameaça às demais nações europeias, haja vista que o país possuía uma economia forte, indústria avançada e capacidades bélicas igualmente vastas.

Kissinger consegue identificar em uma ampla análise sobre a Primeira Guerra e o seu contexto todos os fatores que o arcabouço teórico de Morgenthau apontam como fulcrais para a eclosão de um conflito. Em que se observa a Alemanha como um desafiador do status quo, que propiciava uma balança de poder, que beneficia países como a Inglaterra, a França e o Império Russo, que se uniram em uma aliança temporária, a Tríplice Entente com a finalidade de barrar os “contestadores” da ordem vigente. Esses “contestadores” formavam a Tríplice Aliança, que era encabeçada pela Alemanha, e também era adotada pelo Império Austro-húngaro e pela Itália (KISSINGER, 1994).

Com o respaldo dos autores realistas previamente citados, é possível interpretar o reino insular de Númenor como um grande hegemon, cuja nenhuma outra nação possuía aporte e poderio para competir de maneira direta, nem mesmo os Elfos conseguiram bater de frente com o poderio da poderosa nação. Númenor reunia todos os atributos de uma nação poderosa para a perspectiva realista. Ela possuía economia forte, com inúmeros postos comerciais espalhados pelas costas da Terra-Média, assim como colônias por toda a costa Oeste do continente fictício, além de ser possuidora da maior frota naval e do exército mais vasto, além de possuírem superioridade tecnológica mediante as outras denominações humanas daquele período no mundo de Arda, ou seja, Númenor mantinha o equilíbrio de poder. Mas para que a conceituação teórica se encaixe com a história do universo literário analisado, é necessário entender como Númenor conquistou seu *status* quanto hegemon global e como sua ascensão ditou toda a formação da balança de poder do universo de Tolkien (TOLKIEN, 2022).

2.3 Fatores primordiais que levaram Númenor a se consolidar como uma potência global

São muitos os fatores que levaram o reino insular a se consolidar como uma potência global, mas é importante frisar que o poderio e a glória foram conquistadas de maneira gradual, e levaram aproximadamente dois milênios para que o reino atingisse seu apogeu absoluto, período na qual nenhuma outra nação era capaz de desafiar sua soberania sobre o mundo. Para levantar os quatro elementos que são considerados preponderantes para o sucesso de Númenor quanto um hegemom, foi levada em consideração questões que o autor realista Morgenthau considerava essências para explicar o poder de uma nação diante das demais, isso é o que ele chama de Elementos do Poder Nacional, e discorre sobre isso no capítulo IX de seu livro Política entre as nações.

O primeiro fator é o espaço físico de Númenor em si, que reúne os seguintes elementos de Morgenthau: geografia, alimentos e matérias-primas. A ilha, possuía um formato de estrela de cinco pontas (pentagrama), e cada uma das pontas possuíam, basicamente as mesmas dimensões de área, eram como penínsulas que saíam de uma pedaço de terra central. As cinco principais regiões a qual o reino era dividido eram: Andustar, Forostar, Orrostar, Hyanustar e Hyarrostar. Tolkien descreve que a ilha era repleta de recursos naturais, com vasta e exuberante fauna, repleta de florestas, que seriam muito úteis na expansão marítima. Númenor também possuía amplos espaços para ovinocultura, e para a agricultura, abrigando muitos campos de grãos, e como Morgenthau diz em seu livro, que “a autossuficiência em alimentos, ou a carência dos mesmos constitui um elemento relativamente estável na formação de poder nacional”(MORGENTHAU, 2003). Os mares eram repletos de peixes, e a pesca era uma das atividades mais comuns nos primórdios do reino. Númenor era autossustentável e não precisava de recursos de fora para poder se manter, a ilha abrigava todos os recursos naturais necessários para a sobrevivência dos habitantes do reino que ali fora estabelecido.

O segundo fator que contribuiu para que posteriormente Númenor se tornasse uma hegemonia é no que se diz respeito a qualidade de sua diplomacia, que para Morgenthau dentre todos os fatores que compõem a formação do poder de uma nação, é um dos mais importantes, mesmo sendo instável, algo que se comprova ao se analisar a história de todo o reino. Para o autor realista, a diplomacia é como uma espécie de cérebro do poder nacional (MORGENTHAU, 2003). Morgenthau diz que, se o julgamento diplomático for falho, e sua

determinação parecer débil, todas as outras vantagens serão praticamente irrelevantes, pois para ele, é por meio da diplomacia que se aplica às demais vantagens que uma nação pode possuir, como ele explica no seguinte trecho: (TOLKIEN, 2022).

Uma nação que pode vangloriar-se de possuir todas essas vantagens, mas que não conte com uma diplomacia à altura das mesmas, talvez alcance vitórias temporárias, graças ao simples peso de seus ativos naturais. No longo prazo, contudo, o mais provável é que ela acabe por lapidá-los completamente, após tentar usá-los de modo inadequado, hesitante e perdulário, na ilusão de alcançar objetivos do país no plano internacional. No longo prazo, tal nação terá de ceder lugar a uma outra cuja diplomacia esteja preparada para aproveitar ao máximo quaisquer outros elementos de poder que estejam à sua disposição de modo a, com base em sua própria qualidade, compensar eventuais deficiências em outras áreas. Ao empregar com o máximo proveito as potencialidades de poder de uma nação, uma diplomacia competente pode ampliar o poderio do país além do nível que seria de se esperar, caso fossem levados em conta apenas os demais fatores combinados (MORGENTHAU, 2003 p. 274).

Portanto a diplomacia Númenóreana foi um grande fator, como será visto no decorrer da argumentação, para seu sucesso. A nação insular mantinha relações diplomáticas com os Homens que viviam na Terra-Média, mas principalmente com os Elfos . É o fato de serem muito próximo aos Elfos, tanto com as famílias élficas do ocidente, os Eldar que habitavam nas costas de Valinor em Tol Eressea, quanto com os Noldor, os Eldar que habitavam a costa oeste da Terra-média, no reino de Lindon. Como já mencionado, o primeiro rei de Númenor, Elros, descendia de uma linhagem élfica, e por consequência, os dois povos eram muito próximos, pelo menos nos primórdios de Númenor, que tem uma longínqua história de mais de três milênios pela contagem dos anos descrita por Tolkien (TOLKIEN, 2022).

Por possuírem forte ligação com o povo élfico, os Númenóreanos conseguiram desenvolver conhecimentos mais profundos, em várias searas. Inclusive, proximidade deles, mesmo que por um limitado período de tempo, com os Elfos de Lindon, especificamente com Cidran (mestre na fabricação de naus), possibilitou aos Númenóreanos , acesso a técnicas e ferramentas que lhes permitiram o aprimoramento de construção de naus. O contato com os Elfos do Oeste, lhes permitiu uma troca de conhecimento mais ligado ao campo cultural, haja vista que eles vinham as costas do reino insular trazendo mensagens e aconselhamentos dos Valar. Inclusive é mencionado por Tolkien que os Homens de Númenor eram, tanto em aparência quanto no tato, muito mais próximos da gente élfica, que dos Homens que habitavam a Terra-média (TOLKIEN, 2022).

Um terceiro fator que pode ser mencionado, como uma das variáveis de maior importância para o sucesso de Númenor como um grande conquistador, é o elemento

referente a qualidade populacional, que é um dos pontos apresentados por Morgenthau. Para o pensador realista, o fator populacional era uma variável muito importante na equação para o sucesso de uma nação, principalmente no que diz respeito a sua “qualidade”(MORGENTHAU,2003). Em Númenor a qualidade da população se dá devido ao seu tempo de vida ser maior se comparado com os Homens de outras partes do mundo de Arda. Segundo Tolkien, os Númenóreanos foram abençoados com uma longa longevidade, o que lhe possibilitou passar vários anos desenvolvendo ofícios, estratégias e adquirindo conhecimento. Tal longevidade, pode ser vista como importante para que planos inteiros de conquista e dominação fossem perpetrados por um único rei, sem a necessidade de passar o legado para herdeiros, já que possuíam tempo de vida suficiente para a implementação de planos ambiciosos de conquista e de expansão (TOLKIEN, 2022).

O mesmo pode ser dito para os generais e cientistas que habitavam a ilha. Eles poderiam concluir seus planos e pesquisas, por mais complexas que fossem, ainda em vida, sem precisar que outros assumissem o legado para concluir tais tarefas, o que possibilitava a elaboração de trabalhos mais homogêneos e concertos. Esse fator em específico possibilitou a Númenor a construção de conhecimentos mais sólidos e abrangentes, e de certa forma mais eficazes, pois com o tempo de vida maior, poderiam trabalhar com mais afinco em suas ambições, e serem mais cuidadosos em seus planejamentos. Entretanto, esse fator que os possibilitou se consolidar futuramente como uma potência global, também foi um dos responsáveis pela sua queda, haja vista que os Númenóreanos passaram a ficar tão paranoicos com a ideia de morrer, que o tempo longo que já tinham passado a não ser mais suficiente e passaram a buscar a imortalidade (TOLKIEN, 2022).

O quarto e último fator primordial que explica o sucesso de Númenor é a especialização Naval, que reúne os seguintes elementos de poder citados por Morgenthau: capacidade industrial, grau de preparação militar, tecnologia, quantidade e qualidade das forças armadas, haja vista, que nesse caso, um elemento puxa o outro (MORGENTHAU,2003). Esse último fator é a especialização de Númenor na construção de navios e o amor que esse povo depositava em tal ofício, como fica claro no seguinte trecho retirado de A Queda de Númenor, em que Tolkien diz:

Acima de todas as artes, eles cultivavam a construção de navios e a navegação e se tornaram marinheiros cuja semelhança nunca há de existir desde que o mundo diminuiu; e viajar pelos vastos mares era o principal feito e a grande aventura de seus Homens vigorosos nos dias valentes de sua juventude (TOLKIEN, 2022 p. 102).

Esse fator em específico, possibilitou aos Númenóreanos a conquista absoluta de todos os mares do mundo, nem mesmo os Elfos tinham a mesma força naval que os Homens do reino insular. Tal informação ainda vai de encontro com aquilo que Morgenthau fala a despeito da materialidade do exército, o poderio naval e bélico de Númenor se tornou extremamente vasto, haja vista que dedicavam muito tempo no aprimoramento de sua marinha e de seu instrumento de dominação, que eram os navios em si, e também seu exército, o que fica evidente em vários trechos da obra que estão sempre reforçando a grandiosidade das frotas navais e dos exércitos do reino insular (TOLKIEN, 2022).

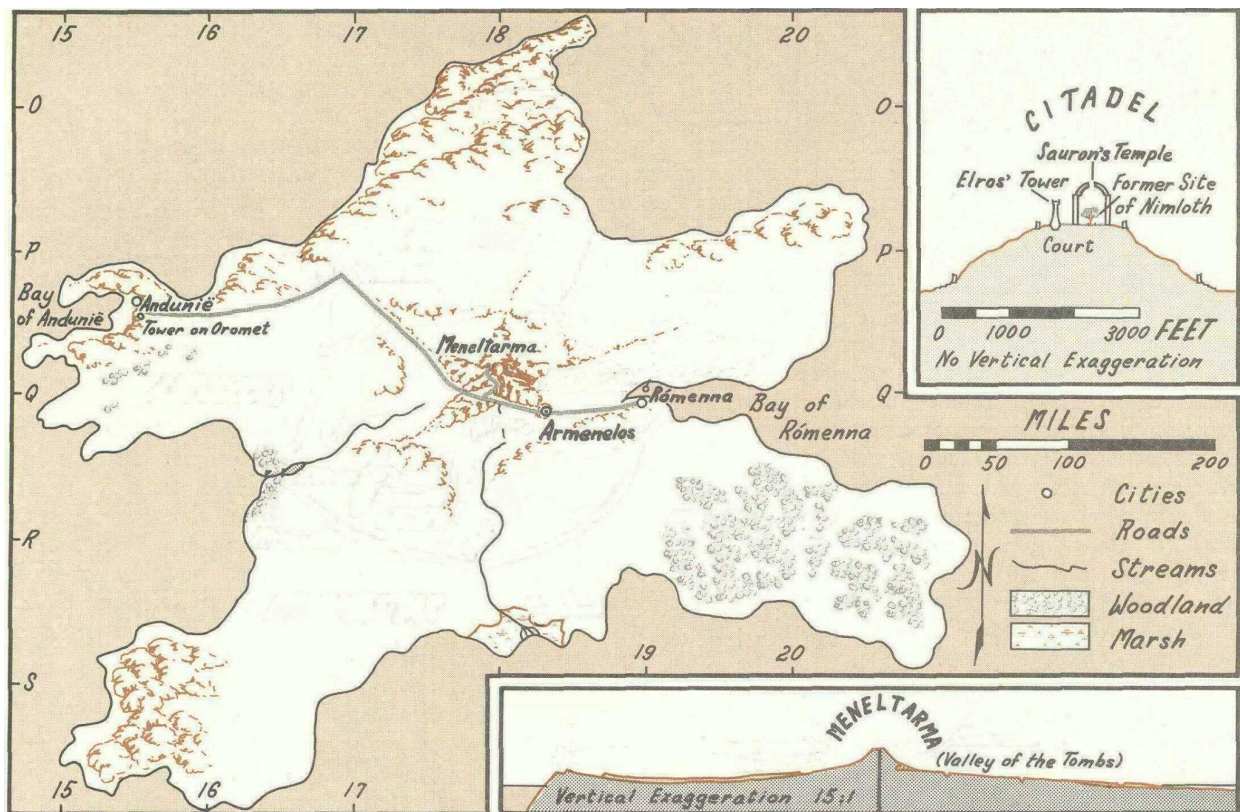
Ou seja, aqui pode-se identificar algo que vai de encontro ao pensamento de Morgenthau que diz que as nações buscam agregar sobre si poder, e que basicamente diz que as que são consideradas mais poderosas são aquelas que conseguem os recursos suficientes para subjugar as demais nações e fazer com que elas corroborem na busca e na execução de suas vontades. Essa característica de Númenor fica evidente ao decorrer do Conto dos Anos da Segunda Era, que fala que com o acesso ao conhecimento dos Elfos e de também de Homens de várias regiões do mundo, passaram a desenvolver e aprimorar suas técnicas de fabricação de naus e armamentos. Inclusive, em seu auge, receberam conhecimentos do próprio Sauron, que possibilitou uma expansão ainda maior de seus exércitos e de sua marinha. Ou seja, a especialização e o foco na atividade naval levou Númenor a conquistar os mares, que os levou a ter acesso a mais conhecimento, principalmente de tecnologias élficas, que os possibilitou o aprimoramento tecnológico, que por consequência possibilitou o aumento e a fortificação das frotas navais, que levou a necessidade de aprimorar o poderio bélico e o seu exército (TOLKIEN, 2022).

Morgenthau acredita numa na preparação militar como um fator de suma importância para o sucesso de uma nação dentro da dinâmica da balança de poder. O autor realista dizia que:

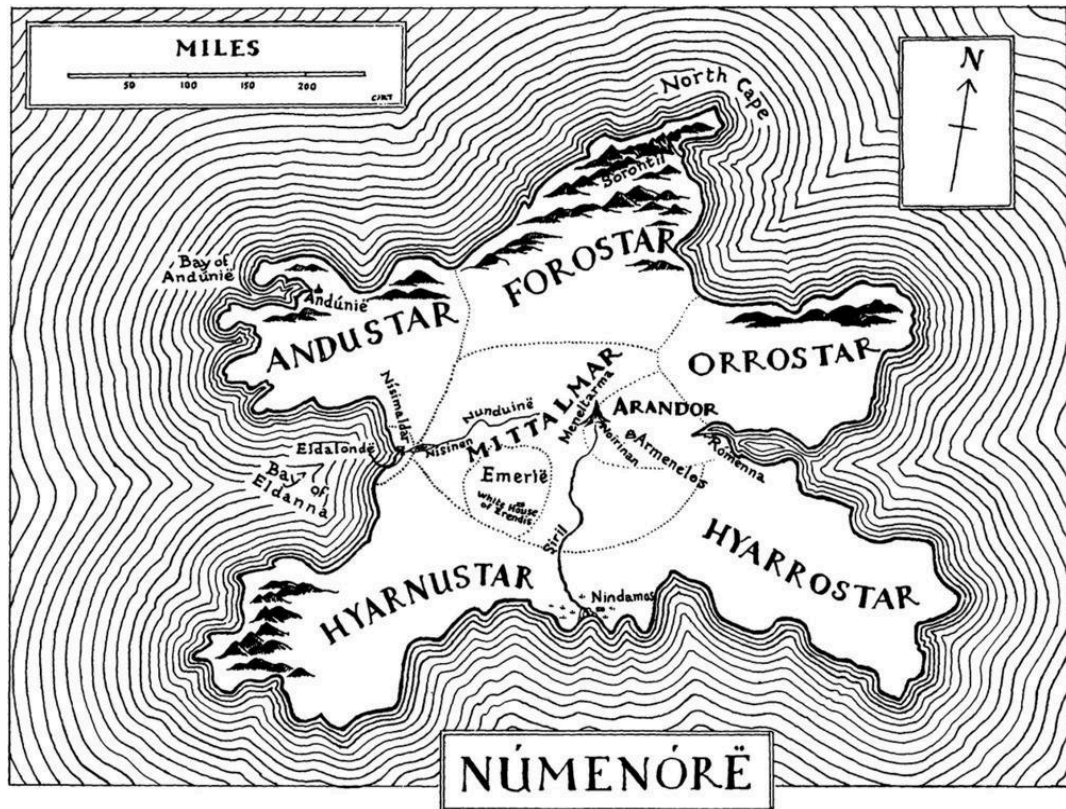
O que confere importância verdadeira aos fatores da geografia, recursos naturais e capacidade industrial, para o fim de determinar o poder de uma nação, é o grau de sua preparação militar. Aliás, parece-me óbvio, a ponto de podermos dispensar qualquer elaboração, o fato de que o poder nacional depende do grau de preparação militar. Este, por sua vez, requer a existência de um estabelecimento militar capaz de apoiar as políticas externas que devam ser implementadas. Tal capacidade resulta de uma série de fatores, entre os quais os mais significativos, do ponto de vista de nossa discussão, são as inovações tecnológicas, liderança e quantidade e qualidade de suas forças armadas (MORGENTHAU, 2003 p. 237).

Númenor reunia esse atributo essencial, que se refere a preparação militar, como ficará comprovado ao longo da argumentação. O exército Númenóreano era o mais poderoso daqueles tempos, e nenhum adversário tinha capacidade de combatê-lo de maneira direta, nem mesmo Sauron, que também possuía exércitos poderosos. Portanto, com esses quatro fatores citados, que considero primordiais para a consolidação de Númenor como uma potência global, agora pretende-se discutir neste trabalho a trajetória de dominação e como se deu a consolidação do poder hegemônico do reino mais ocidental da raça dos Homens, e tudo começa com o início das expedições marítimas númenóreans, o momento em que eles se lançam aos mares no ano 600 da Segunda Era (TOLKIEN, 2022).

Para poder dar uma melhor situação da disposição geográfica dos locais citados, haja vista que se aqui se discute lugares fictícios, abaixo é possível encontrar respectivamente os mapas da ilha de Númenor, e do mundo de Arda durante a Segunda Era.



Legenda: Mapa da Ilha de Númenor. Fonte: Atlas of Middle Earth (1981).



Legenda: Mapa da Ilha de Númenor feito por Christopher Tolkien, filho de J.R.R Tolkien. Fonte: A Queda de Númenor (2022).



Legenda: Mapa de todo o mundo de Arda. A oeste, no canto esquerdo do mapa, é possível observar o continente de Valinor. A ilha de Númenor fica na porção ocidental do grande oceano de Belegaer, ao norte é possível visualizar o continente da Terra-média, ao sul o continente conhecido como *Hither Lands*. No extremo oriente fica o continente perdido e os “muros do sol”. Fonte: Atlas of Middle Earth (1981).

2.4 As expedições Númenóreas

A trajetória de dominação global de Númenor, tem seu início de fato, 600 anos após a fundação do reino, quando a primeira missão marítima foi planejada. Desde o fim da Primeira Era, essa foi a primeira visita dos Númenóreanos às terras orientais. O capitão Veantur, regente da marinha real do rei Tar-Elendil, comandou uma frota que aportou nas costas da Terra-média no ano seiscentos da Segunda Era. Lá tiveram seu primeiro contato com outros povos humanos e ficaram surpresos ao perceber que eles viviam esquecidos, com escassez de recursos, em um lugar abandonado pelos Valar e a mercê das sombras dos serviçais e criaturas de Morgoth que haviam conseguido escapar após a queda do primeiro senhor do escuro (TOLKIEN, 2022).

Os Homens do continente viviam em condições muito diferentes daqueles do Reino de Númenor, a vida era mais dura e cheia de dificuldades. Segundo o Conto dos Anos (que narra a história da segunda Era), os Númenóreanos passaram a ensinar sua linguagem para aqueles povos, além de lhes fornecer instrumentos e recursos para agricultura, pesca e outras atividades econômicas e de subsistência. Tolkien diz, que em um primeiro momento, o contato entre o Númenóreanos e os Homens da Terra-média foi amistoso e os habitantes do reino insular forneceram grande gama de ensinamentos e conhecimento àqueles povos (tolkien, 2022). Isto fica explícito nos seguintes trechos:

Mas durante muito tempo as tripulações dos grandes navios Númenóreanos desembarcaram desarmados entre os Homens da Terra-média. E embora tivessem a bordo machados e arcos cortar madeira e caçar seus alimentos em praias selvagens que a ninguém pertenciam, não os portavam quando procuravam os Homens das terras. E, chegando no meio [dos Homens da Terra-média], os Númenóreanos lhes ensinaram muitas coisas. Linguagens lhes ensinaram, pois as línguas dos Homens da Terra-média, salvo nas antigas terras dos Eldain, tinham se tornado brutas, e eles gritavam como aves bravias ou rosnava como feras selvagens. Trigo e vinho trouxeram, e instruíram os Homens no plantio de sementes e no moer de grãos, no cortar de madeira e no moldar a pedra, e no ordenar de suas vidas...(TOLKIEN, 2022 p. 103- 105).

É fácil perceber que diante das informações apresentadas por Tolkien, Númenor possuía uma superioridade bélica, militar e econômica em relação a qualquer nação humana que existia na Terra-média naquele período. Eles levaram seus conhecimentos e cultura para boa parte daqueles povos, e com o passar dos anos começaram a ser vistos como deuses pelos Homens da Terra-média, que na maioria das vezes estavam inclinados a auxiliar os Númenóreanos em suas missões, como fica claro no seguinte trecho de A Queda de

Númenor : “E reverenciavam a memória dos altos Reis-dos-mares e, quando partiam, chamavam-nos de deuses, esperando o seu retorno...” (TOLKIEN, 2022).

Logo, essa espécie de dominação cultural e também econômica e militar, que passou a ser exercida pelo reino insular na Terra-média, pode ser vista como uma estratégia de Númenor para expandir sua zona de influência de acordo com os preceitos apresentados por Morgenthau, por mais que naquele período as ambições de expansão ainda não fossem tão latentes. Como naquele período as terras continentais pareciam abandonadas, com exceção dos reinos élficos, e não havia nenhum outro poder aparente governando aquelas regiões, os Númenóreanos iniciaram missões de colonização, que a princípio eram tímidas, como Tolkien diz: “ pois naquele tempo, os Númenóreanos nunca habitavam longamente na Terra-média, nem faziam ali, por ora, qualquer habitação das suas.” (TOLKIEN, 2022).

Outra estratégia de expansão da zona de influência de Númenor na Terra-média se deve ao cultivo da aliança e da amizade com os povos élficos, sobretudo com o rei Gil-galad, haja vista que os Elfos eram poderosos e mantinham o controle e a soberania sobre parte considerável do continente, e tinham sob seu comando a maior nação daquelas terras, o reino de Lindon. Com a aproximação amistosa entre os dois povos, os Elfos passaram a manter seus portos abertos para os Númenóreanos , o que permitia ao reino insular acesso a conhecimentos élficos e também ao comércio com aquela gente. Segundo Tolkien, Elfos e Homens estabeleceram uma profunda “amizade”, como fica evidente no seguinte trecho de Contos Inacabados: “Seu capitão e seus marinheiros foram bem recebidos por Gil-galad; e assim começou a amizade e aliança de Númenor com os Eldar de Lindon” (TOLKIEN, 2020).

A instalação de fortes militares e bases Númenóreas se iniciaram de fato cem anos após as primeiras missões, a partir do ano 750 da Segunda Era, com o príncipe Aldarion, que era marinheiro e um grande incentivador do aprimoramento marítimo e naval de Númenor. A segunda fase do processo de expansão da zona de influência e de colonização de Númenor sobre a Terra-Média foi mais agressiva que a primeira, mas ainda mantinha relações amistosas com as nações élficas e também com as pequenas nações da raça dos Homens. Nessa época já haviam aprimorado em demasia a construção de suas naus, e possuíam um exército mais fortificado e um poderio bélico superior se comparado aos primeiros anos do processo de colonização. Também foi nesse período que passaram a realizar expedições mais ambiciosas, assim como iniciaram um comércio mais amplo e formal com outros povos , e deram início a extração de recursos naturais da Terra-média, como Tolkien explicita:

Os navios dos Númenóreanos tinham volume e calado cada vez maiores naqueles dias, até que se tornaram capazes de fazer viagens longínquas, levando muitos Homens e grandes cargas; e Aldarion costumava passar muito tempo longe de Númenor (TOLKIEN, 2022 p. 120).

Entretanto, nem todos viam essa ambição expansionista como algo positivo, inclusive o rei Tar-Meneldur, pai do príncipe Aldarion, apresentava receio quanto às ambições do filho de expandir a zona de poder de Númenor daquela maneira, e por um tempo tentou arrefecer os anseios do filho, mas em vão. Aldarion passou boa parte de sua vida nos mares, navegando a novas costas, fazendo contato com novos povos, construindo fortalezas e estaleiros na Terra-Média e estabelecendo novas parcerias comerciais, como fica claro no seguinte trecho em que Tolkien narra uma das muitas viagens do príncipe: “Passaram-se sete anos até Aldarion voltar, trazendo consigo mineiros de prata e ouro.” (TOLKIEN, 2022). Aldarion também estreitou ainda mais a relação dos povos do reino insular com o reino de Lindon, de Gil-galad. O príncipe preocupado em continuar assegurando a expansão marítima plantou várias florestas por toda Númenor para que houvesse madeira suficiente para a construção de novos navios, como é observável nos seguintes trechos:

mas pouco vinha de Aldarion, que se ocupava do cultivo de florestas, tratando de que nos dias vindouros não faltasse madeira em Númenor.” (TOLKIEN, 2022 p. 120).

Aldarion voltou a dar atenção ao futuro, sempre plantando onde se derrubava e fez plantar novas florestas onde houvesse espaço, terra livre que fosse adequada a árvores de diferentes espécies de Erendis. Aldarion era homem de grande visão, e previa dias em que o povo precisaria de mais espaço e maior riqueza; ele de novo se voltou do trato às matas para a construção de navios...(TOLKIEN, 2022 p. 141-142).

No entanto, por um tempo, Aldarion, foi obrigado pelo rei a permanecer em Númenor, e durante esse período as expedições Númenóreans diminuíram, e por um tempo a influência de Númenor sobre o continente minguou, haja vista que quando iam a Terra-média, raramente ultrapassaram as terras do reino de Lindon. Muitos de seus portos foram abandonados, destruídos ou tomados por Homens que começaram a desafiar o poderio de Númenor sobre a Terra-média (TOLKIEN, 2022). Foi então que Sauron começou a agir. Ele passou a viver entre os Homens das nações menores da Terra-média, e passou a instigá-los contra os ditos senhores do Oeste, e começou a cooptá-los para seus desejos,

como dizem os seguintes trechos:

Os Homens próximos à costa começavam a temer os Númenóreanos , ou tornavam-se abertamente hostis; e Aldarion ouviu rumores sobre um senhor na Terra-média que odiava os Homens dos navios. (TOLKIEN, 2022 p. 136).
 Uma nova ameaça ergue-se no Leste. Não é tirania de Homens maus, como crê teu filho; mas um servo de Morgoth se agita, e coisas perversas voltam a despertar. A cada ano ganha forças, pois a maioria dos Homens está madura para o seu propósito. Não está longe o dia, segundo julgo, em que se tornará forte demais para que os Eldar lhe resistam sem auxílio. E agora atrevo-me a solicitar tua ajuda. Se tiveres disponível alguma tropa de Homens, peço-te que a ceda a mim. Eis que a escuridão vindoura está plena de ódio por nós, mas vos odeia igualmente. O Grande Mar não será amplo demais para suas asas, se permitirmos que ela se desenvolva plenamente (TOLKIEN, 2022 p. 152-153).

Os rumores de um novo poder que desafiava o domínio de Númenor e de Lindon sobre a maioria das nações da Terra-média, despertaram preocupação no rei Gil-galad, que escreveu uma carta para o rei Tar-Meneldur explicando-lhe a gravidade dessa nova ameaça que se levantava na Terra-média, e instigava ódio contra os Elfos e os Homens do Oeste, como é possível nos trechos citados anteriormente. O rei ao se deparar com tal informação se sentiu inapto para lidar com aquela situação, e passou o cetro para seu filho Aldarion, a quem julgava mais apropriado para lidar com esse novo desafio (TOLKIEN, 2022).

Nessa situação, podemos incorrer aquilo que Waltz diz em *The Origins of War in Neorealist Theory*. Segundo o autor, dentro de um ambiente anárquico, o preço da desatenção ou erro de cálculo, muitas vezes é pago com sangue (WALTZ,1998). O desafio vindo de Sauron e de sua nação Mordor ao *status quo* estabelecido só foi viável pois os Númenóreanos se ausentaram por vários anos da Terra-média, e também porque os Elfos de Lindon não foram capazes de prever, muito pelo fato de não demonstrarem interesse pelas regiões dos Homens mortais, que estava surgindo um novo poder que poderia vir a se tornar grande suficiente para competir com eles (TOLKIEN, 2022).

Como ficará mais claro no próximo capítulo, Sauron também enganou os Elfos vivendo disfarçadamente no meio deles por vários anos, aprendeu sobre suas fraquezas e soube ludibriá-los. Pode-se mencionar também que a falta de *timing* para combater as forças de Sauron, foi um fator preponderante na equação, haja vista que Aldarion chegou cedo demais para combater a ameaça de Mordor, e naquele período, essa ainda não era tão concreta e se mantinha obscurecida, seu verdadeiro poder ainda não havia sido revelado, até porque ele ainda estava em construção, portanto, por não haviam grandes sinais ainda desse inimigo, apenas presságios, e por um tempo Númenor pareceu ter pensado que todas as medidas tomadas já haviam sido suficientes para refrear tal ameaça. Também é importante

reforçar que Gil-galad não obteve dos demais reis de Númenor o mesmo apoio que Aldarion fornecia de tropas e frotas navais, haja vista que com exceção do rei já mencionado, muitos de seus sucessores não enxergavam necessidade na manutenção e vigilância da ameaça de Mordor pois ainda tratavam aquilo como algo abstrato, e naquele período as ambições de expansão do poderio sobre a Terra-média não eram tão urgentes (TOLKIEN, 2022).

No entanto, os esforços de Aldarion não foram completamente em vão. É importante ressaltar que Tolkien diz que se não fosse pelos feitos de Tar-Aldarion, pelo expansionismo naval que ele promoverá e pelos portos que construiu, mesmo que muitos tivessem sido arruinados pelo tempo, a dominação de Sauron teria sido muito maior. Mas o fato é que, mesmo com a expansão de suas atividades durante a segunda etapa de colonização, a dominação Númenóreana ainda não havia sido efetiva, e como dito, as brechas deixadas possibilitaram com que a influência de Sauron crescesse e a de Númenor diminuísse, como diz o seguinte trecho de A Queda de Númenor (TOLKIEN, 2022):

A hostilidade já crescia, e os Homens obscuros vindos das montanhas forçavam entrada em Enedwaith. Mas, no tempo de Aldarion, os Númenóreanos ainda não desejavam mais espaço, e seus Aventureiros continuaram sendo um grupo pequeno, admirado, mas pouco imitado (TOLKIEN, 2022 p. 163).

A despeito da relação dos Elfos de Lindon com os Homens, que é extremamente importante para o estabelecimento da hegemonia Númenóreana, Tolkien dá a entender, que era uma relação que possuía interesses mútuos, sejam eles acadêmicos, militares e econômicos, no entanto, havia algo mais íntimo entre aqueles povos, uma relação que foi estabelecida com base em valores e princípios culturais, haja vista que Númenóreanos possuíam em sua linhagem ascendência do povo élfico (TOLKIEN 2022).

Para esse tipo de situação o realismo apresenta algumas explicações. Também no texto *The Origins of War in Neorealist Theory*, Waltz cita Morgenthau e diz que tal autor fala que nem sempre as nações irão agir de maneira apenas angariar e acumular poder, nações podem adotar medidas e ações que não são mensuradas apenas sob a ótica do poder a qualquer custo. Todavia, segundo Waltz, Morgenthau acreditava que essas ações não poderiam ser consideradas como ações de caráter político. Mas aqui é válido ressaltar que adotara medidas que não visam angariar poder, não significa que essas ações sejam benevolentes, ou feitas por “amizade”, é importante frisar que aqui estamos tratando do realismo, que tem a visão do cenário internacional como anárquico, em que, basicamente todos os atores agem conforme seus interesses (WALTZ, 1998).

Segundo a perspectiva realista, as proximidade de Númenor para com Lindon não

era de caráter benevolente e puramente por amizade e quando se diz que havia uma verdadeira amizade entre esses povos, isso não passa de uma sinalização retórica, pois o que realmente está por trás dessa relação são os interesses nacionais, e aquilo que está ligado a balança de poder. Isso ficará explícito ao longo dessa análise, pois no futuro, chegando-se próximo a queda de Númenor, as relações entre os Homens do Oeste e os Elfos já não eram mais tão amistosas assim. Para os realistas a cooperação e as parcerias podem sim existir, mas como dito estarão sempre relacionadas aos interesses particulares de cada estado envolvido, isso não significa que essas relações serão longevas, duradouras, tampouco eternas (MORGENTHAU 2003).

Por conseguinte, essa primeira etapa do processo colonizatório de Númenor que se deu em fases. As primeiras expedições, e a expansão promovida por Aldarion, é marcada pelo estabelecimento de uma profunda aliança com os Elfos de Lindon, e mesmo apresentando o emprego de grande influência sobre os Homens da Terra-média, e de elevado poderio naval, e do estabelecimento de fortificações, portos e estaleiros nas zonas litorâneas, tais ações não foram tão eficientes a ponto de garantir uma zona de influência inabalável, que só seria vista após a primeira guerra contra Sauron. Como nesse período, com exceção do rei Tar- Aldarion, os Númenóreanos ainda não possuíam ambições expansionistas de alto nível, Sauron se aproveitou das zonas em que eles não exerciam tanto influência assim para estabelecer o seu domínio. E assim nasce o primeiro desafiante ao *status quo* da dominação de Númenor e Lindon, a nação de Mordor (TOLKIEN, 2022).

2.5 Os Anéis de Poder, Mordor e o desafio ao *status quo*

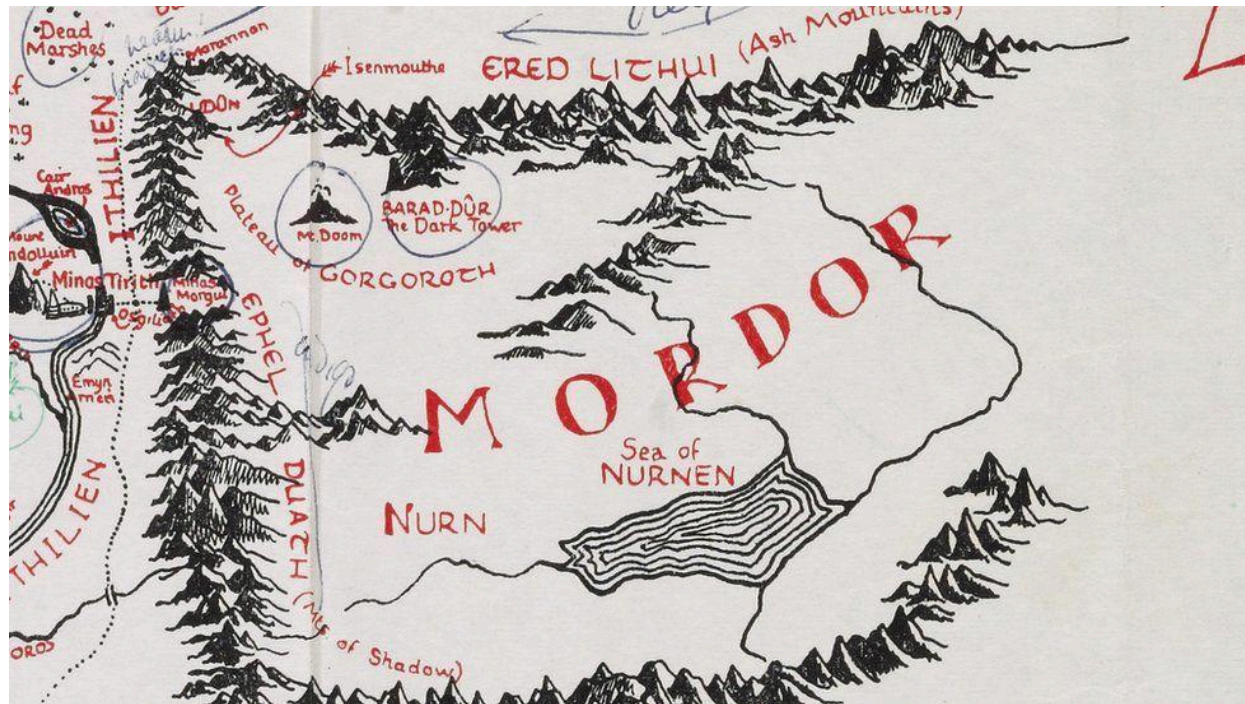
No mesmo período em que os Elfos de Lindon estabeleceram parceria com Númenor, também fomentavam relações com a raça dos Anões e seu isolado reino de Khazad-dûm, chegaram a construir uma cidade perto do reino dos Anões, Eregion, onde viviam os artífices élficos. Informações sobre as alianças dos Elfos com Númenóreanos e Anões, e das construções de portos e fortalezas de Númenor nas praias da Terra-média, e do domínio que o reino insular começou a exercer sobre várias regiões do continente, chegaram a Sauron, que se preocupou, e começou a colocar suas ações em práticas antes que a dominância de Númenor se tornasse insuperável.

Waltz explica que para os neorrealistas, o poder é visto como um meio possivelmente útil, com os estados correndo riscos se tiverem muito ou pouco dele. A fraqueza excessiva, por exemplo, pode provocar um ataque que uma força maior teria dissuadido o adversário a

lançar. A força excessiva pode levar outros estados a aumentar suas armas e unir seus esforços contra um estado dominante (WALTZ, 1998). Tal elaboração teórica pode ser observada quando se analisa a nação de Mordor e seu estabelecimento. Toda a sua concepção e nascimento se dá a partir do desejo de seu governante, Sauron, de acabar com a dominância que Númenor e Lindon exerciam sobre a Terra-média, haja vista que ele tinha a intenção de ser o governante daquele continente. Tremendo o poder de Númenor, Sauron estabeleceu alianças com povos rivais dos Númenóreanos e que não aceitavam a dominação deles sobre suas terras, eram eles: os Homens orientais e os Homens do sul da Terra-média. Passou também a forjar parcerias com criaturas poderosas que compartilhavam do mesmo ódio de Sauron por Elfos e humanos, como: balrogs e orques, cooptando-os para o seu exército. Sauron iniciou um pesado investimento em seu poderio bélico, e aqui voltamos mais uma vez à materialidade do poder que Morgenthau explicava em suas elaborações teóricas. Foi construída a enorme fortificação de Barad Dur, que segundo as palavras do próprio Tolkien foi a maior fortaleza que existiu na Terra-média desde Angband, fortaleza do primeiro senhor sombrio (TOLKIEN, 2022).

Usando seus poderes, Sauron adaptou as terras em que se estabeleceu para que servissem aos seus desígnios, tornando o ambiente propício para a forja e para concentração de exércitos de maneira secreta. Naquelas terras o antigo servo de Morgoth estabeleceu o seu país, Mordor, que surgiu como uma nação capaz de desafiar a hegemonia de Númenor e Lindon no continente. Ao longo de 600 anos, em segredo, Sauron ergueu sua fortaleza e organizou seus exércitos e armamentos, e esperou o momento propício para atacar (TOLKIEN, 2022). Sobre Mordor, Tolkien diz que:

A escolha de Mordor por Sauron para ser seu baluarte foi provavelmente feita com base em sua localização geográfica. A terra ficava encerrada dentro de uma muralha vagamente retangular e naturalmente defensiva com três lados fornecida por duas grandes cordilheiras: ao norte se estendiam as Ered Lithui, ou Montanhas de Cinza; a oeste e ao sul ficava a Ephel Dúath, também conhecida como as Montanhas de Sombra ou Cerca Exterior, em cujo interior da escarpa noroeste estendia-se uma crista adicional mais baixa “com a borda recortada e entalhada por rochedos semelhantes a pre-sas, que se destacavam negros diante da luz vermelha por trás: era o ameaçador Morgai, o anel interno das muralhas daquele país”. Quase cercada por essas imensas barreiras no norte e a leste ficava uma planície alta e desolada, o Planalto de Gorgoroth, dominado pela presença torrenciosa do Monte da Perdição, ou Orodruin ("montanha ardente"), 3 "uma massa imensa de cinzas, escória e pedras queimadas, da qual se levantava às nuvens um cone de flancos escarpados". As terras ao redor eram marcadas por suas violentas erupções vulcânicas (TOLKIEN, 2022 p. 175).



Legenda: Mapa de Mordor. Fonte: O Senhor dos Anéis (2019).

Enquanto os Númenóreanos não davam a devida atenção para as regiões da Terra-Média, Sauron passou a viajar pelo continente espalhando mentiras sobre Númenor e incitando os Homens da Terra-média a se voltar contra o reino insular. Nessa época algumas fortalezas costeiras Númenóreas foram tomadas e Sauron viajou para o extremo Oriente, onde forjou alianças com os Homens de Rhun e também com Homens que habitavam o Sul, nas regiões de Harad. Sauron buscou formar o que o realismo de Morgenthau chama, de alianças contra-hegemônicas, em que Mordor se uniu com nações menores para tentar impedir a dominação de Númenor (TOLKIEN, 2022). Tolkien diz que a raça dos Homens era mais fácil de convencer do que os Elfos, mas para que seu plano funcionasse de maneira apropriada, Sauron também precisava convencer-os a o ajudar, então ele assumiu uma forma bela, semelhante aos Eldar e passou a viver entre eles, como Tolkien diz no seguinte trecho:

Os Homens, ele descobriu serem os mais fáceis de dobrar de todos os povos da Terra; mas, por muito tempo, buscou persuadir os Elfos a seu serviço, pois sabia que os Primogênitos tinham maior poder; e viajou para cá e para lá entre eles, e sua feição ainda era de alguém tanto belo quanto sábio. Apenas a Lindon não vinha, pois Gil-galad e Elrond duvidaram dele e de sua bela aparência, embora não soubessem quem ele era em verdade, não o admitiram àquela terra (TOLKIEN, 2022 p. 180).

Com a rejeição do rei dos Noldor, Sauron foi para a cidade de Eregion, onde foi bem recebido pelo seu governante, o ferreiro elfo, Celebrimbor, como disse Tolkien nos escritos

reunidos em A Queda de Númenor (TOLKIEN, 2022):

Mas alhures os Elfos [de Eregion] recebiam [Sauron] contentes, e pouco entre eles escutavam os mensageiros de Lindon pedindo que tivessem cuidado; pois Sauron tomou para si o nome de Annatar, o Senhor das Dádivas, e tinham no princípio, muito proveito de sua amizade (TOLKIEN, 2022 p. 182).

Sauron sob a forma de Annatar, convenceu os Elfos de Eregion a trabalharem com ele, usando o argumento de que juntos poderiam curar as feridas que ainda existiam na Terra-média em decorrência da devastação dos dias sombrios de Morgoth, como fica explícito no seguinte trecho de A Queda de Númenor: “Sauron descobriu o ponto fraco deles ao sugerir que, ajudando-se mutuamente, poderiam tornar a Terra-média ocidental tão bela quanto Valinor” (TOLKIEN, 2022). Foi então que Annatar convenceu os Elfos de Eregion a darem início a um ambicioso projeto que visava criar objetos mágicos que ajudariam na preservação dos reinos élficos e na restauração da Terra-média, então sobre a supervisão de Sauron, deu-se início a forjadura dos Anéis de Poder (TOLKIEN, 2022).

O principal poder (igualmente de todos os anéis) era a preservação ou retardamento da decadência (isto é, da ‘mudança’ vista como uma coisa lamentável), a preservação do que é desejado ou amado, ou de sua aparência - esse é mais ou menos um motivo élfico. Mas eles aumentavam os poderes naturais do possuidor, aproximando-se assim da ‘magia’, um motivo facilmente corruptível ao mal, uma ansia por dominação (TOLKIEN, 2022 p. 186).

Então, em Eregion, a princípio foram forjados 14 anéis sobre a supervisão atenta de Sauron, esses anéis em específico haviam sido feitos para serem distribuídos entre a raça dos Homens e dos Anãos. Em segredo, e a princípio sem o conhecimento de Sauron, os artífices de Eregion forjaram outros três anéis, esses seriam distribuídos entre os Elfos, foram produzidos com base nos conhecimentos de Sauron, mas não tiveram a participação ativa dele durante sua fabricação. No período em que se retirou de Eregion, Sauron voltou para seu país, Mordor, para trabalhar na última etapa de seu plano, e lá, na Montanha de Fogo, forjou o Um Anel (TOLKIEN, 2022).

O Um Anel era a arma mais poderosa criada por Sauron, pois com ele conseguia controlar todos os outros Anéis e tinha conhecimento dos desejos e das mentes de seus portadores e poderia dobrá-los a sua vontade, mas para isso, Sauron, precisou colocar parte de sua alma no anel mestre, para que esse fosse poderoso o suficiente para controlar os três anéis dos Elfos, que dentre os anéis de menor poder, eram os mais potentes. Segundo Tolkien, esse foi o “sacrifício” que ele teve que fazer, para ter a chance de escravizar o povo élfico, a qual

considerava uma grande ameaça para seus planos. O Um Anel, como diz Tolkien, era inquebrável e indestrutível, a única coisa que poderia desfazê-lo era o fogo subterrâneo da montanha em que ele fora forjado, e esse local, naquele tempo, estava além do acesso de qualquer ser que não fosse Sauron (TOLKIEN, 2022).

O poder do Um Anel era tão grande, que qualquer um que o possuísse além de seu senhor, era dominado pela sua vontade, que era a mesma vontade de seu mestre, Sauron. Portanto, qualquer um que o usasse não possuiria força de qualquer vontade (mesmo de sua própria) de danificá-lo, jogá-lo fora, ou negligenciá-lo, pelos menos a maioria dos que tomassem aquele anel para si sentiriam os tais efeitos mencionados (TOLKIEN, 2022). Porém, Sauron não conseguiu se manter em segredo por muito tempo, pois os Númenóreanos que viviam nas colônias da Terra-Média, nas Fozes do Anduin e no litoral de Lebennin, próximo às regiões de Mordor, tiveram consciência das movimentações no inimigo e decidiram avisar Gil-galad. Mas uma resposta não veio de momento imediato, pois, segundo Tolkien as informações ainda eram muito desencontradas a respeito do paradeiro de Sauron e era difícil mensurar a extensão de seu poder, pois circulavam rumores de que por viajar com uma forma bela, semelhante a dos Eldar, muitos orques desdenharam de Sauron e não o levaram a sério, o que não era completamente mentira, mas isso não os impedia de estarem firmados em uma aliança com o senhor de Mordor (TOLKIEN, 2022).

Tolkien diz que é injusto chamar os Númenóreanos e os Elfos de tolos, haja vista que não tinham acesso a tantas informações concretas em relação ao real poder de seu desafiador, no entanto para o realismo, a ascensão de Mordor, representaria sim uma falha, e digamos, uma “tolice”, tanto de Númenor, quanto dos Elfos, que não deram tanta importância em estabelecer relações diplomáticas com os reinos humanos menores que existiam na Terra-média, principalmente os do sul, especificamente das terras de Harad, e os do reino de Rhun, que ficava no oriente. A negligência em manter um olhar atento sobre essas regiões propiciou com que Sauron tivesse facilidade em estabelecer parcerias e alianças com esses reinos menores, pois ele possuía uma tática diplomática mais agressiva e efetiva que Númenor. Mordor, realmente mantinha um corpo diplomático, com vários emissários e agentes que viajavam pelo mundo para assegurar os interesses de seu senhor. Por isso Mordor conseguiu estabelecer aliança com várias nações, até mesmo com os Elfos (TOLKIEN, 2022).

Foi no ano 1697 da Segunda Era, um milênio após o início das expedições Númenóreas à Terra-média, e quase duzentos anos após o início da forjadura dos Anéis de Poder, que Sauron atacou pela primeira vez os seus oponentes de maneira aberta e direta, aqui

podemos identificar e aplicar outro preceito da teoria realista de Morgenthau, que se relaciona o segundo de seis princípios cunhados pelo o autor. O segundo princípio de Morgenthau diz que os interesses são definidos em termos de poder, ou seja, os interesses de uma nação devem estar diretamente ligados ao poder que a mesma possui. Mesmo tendo seu disfarce descoberto, Sauron esperou 90 anos para tentar um ataque direto aos Elfos e as colônias Númenórenas, pois antes não possuía um poder concreto e efetivo capaz de fazer frente a seus oponentes, ou seja ele esperou até que tivesse reunido recursos, sobretudo bélicos e militares, suficientes para projetar poder e seu interesse de dominar o território ocupado pelos Elfos e pelas colônias de Númenor (TOLKIEN, 2022).

O exército de Mordor era vasto, com um grande contingente de combatentes, tendo como aliados orques e os Homens do oriente e do sul. Tremendo o que estava por vir, Celebrimbor, governante da cidade de Eregion escondeu os anéis e distribuiu os três anéis élficos entre sua gente. Os exércitos de Mordor marcharam sobre a região de Calenardhon para invadir as terras de Eriador, diante desse cenário, Gil-galad enviou um exército comandado por Elrond, mas havia um longo caminho para percorrer até que atingissem as falanges inimigas, e Sauron continuou sua jornada rumo ao norte até a cidade de Eregion. O socorro de Lindon não chegou a tempo e no ano de 1697 da Segunda Era, Sauron sitiou e destruiu a cidade de Eregion (TOLKIEN, 2022).

Tolkien diz que Sauron conseguiu se apossar dos Nove Anéis que eram destinados para a raça dos Homens, mas não conseguiu encontrar os Sete Anéis destinados para os Homens e nem os Três anéis élficos. Celebrimbor foi feito cativo e torturado até que entregasse a localização dos demais anéis, o senhor élfico entregou a localização dos Sete, mas não a dos Três, que tinham sido feitos por ele e não por Sauron, e esses anéis em particular lhe eram mais valiosos. Então Sauron mandou matar o regente de Eregion e pendurou seu corpo em uma lança para que fosse visto pelos seus oponentes como uma forma de aviso e de também de ameaça (TOLKIEN, 2022).

O Senhor de Mordor marchou de encontro aos exércitos de Elrond, que receberam ajuda dos Anões de Khazad-dûm na batalha, mas foram rechaçados pelo poderio de Sauron, os Anões recuaram para seu reino e lá se trancaram e as hostes de Elrond bateram em retirada em direção a Lindon. Sauron reagrupou seus exércitos e invadiu as terras de Eriador, e marchou em direção ao reino élfico de Lindon. Diante desta situação crítica, o rei Gil-galad enviou uma carta para Númenor pedindo ajuda. No ano de 1700 da Segunda Era, o rei Númenóreano, Tar-Minastir, enviou frotas navais e exércitos para a Terra-média em auxílio à nação aliada. Quando as tropas do reino insular alcançaram as costa da Terra-média, quase

toda a região de Eriador já havia sido tomada pelas forças de Mordor (TOLKIEN, 2022).

Mesmo que os exércitos de Sauron fossem numerosos e vastos, eles ainda não conseguiam competir com Númenor, que mesmo não mantendo um olhar tão atento sobre a Terra-média como veio a manter em anos posteriores, ainda continuaram seu processo interno de fortificação da marinha e de seus exércitos para uma eventual necessidade, e aqui recorremos mais uma vez a princípios apresentados por Morgenthal na teoria realista. Nações tendem a acumular o máximo de poder para si, também como uma forma de autoproteção e de assegurar sua segurança (MORGENTHAU, 2003).

Os Númenóreanos rechaçaram as tropas inimigas, e Sauron, diante da derrota, bateu em retirada, e com muito custo conseguiu fugir para Mordor, completamente derrotado, a partir de então seu ódio por Númenor aumentou e jurou vingança aquela nação. Com essa derrota de Sauron, pode-se dizer, que se tem o fechamento do primeiro ciclo da Segunda Era, que tem como os atores principais do jogo da balança de poder: Númenor, Lindon e Mordor. Nesse período tem-se Númenor se lançando aos mares e ainda se mostrando um tanto quanto hesitante em de fato se apoderar de porções de terra na região continental. Na tentativa de iniciar uma expansão de sua zona de interesse no continente, algo que até então não possuíam, estabeleceram uma parceria com os Elfos de Lindon, que no início daquela Era eram a nação mais poderosa e organizada que havia na Terra-média, e também mantiveram boas relações com as pequenas e fracas nações dos Homens, também como estratégia para expandir sua zona de influência, e de dominar as nações mais fracas. Pode-se dizer que Númenor, estava ensaiando aquilo que viria a colocar efetivamente em prática apenas séculos mais tarde. Durante esse período eles obtiveram um grande acúmulo de capacidades, mesmo que seu sistema de colonização ainda não fosse completamente efetivo (TOLKIEN, 2022).

Pode-se interpretar essa situação mediante um pensamento de Morgenthau, presente em seu livro *Política entre as Nações*, em que ele diz que “nem todas as nações estão, o tempo todo, em maior ou menor grau, engajadas em atividades de política internacional”(MORGENTHAU, 2003). Pode-se dizer que nesse primeiro momento Númenor não estava tão engajada assim em uma política internacional concreta, haja vista que seus governantes tinham o entendimento de que as nações élficas não lhes representavam uma ameaça, tampouco os reinos humanos que existiam na porção continental, haja vista que muitos eram fracos e pobres. No entanto, pode-se resgatar aqui, um outro princípio já mencionado, que é muito importante para a lógica realista, a diplomacia, Númenor deixou várias brechas ao se distanciar das nações humanas da Terra-média, e um de seus principais erros, foi não ter mantido relações diplomáticas concretas com esses povos, dando espaço

para que Mordor o fizesse. Ao contrário do reino insular, Mordor possuía um bom aparato diplomático, como foi observado. Sauron viajava por toda a Terra-média, propondo acordos e estabelecendo relações com os mais diversos povos, ele também mantinha vários emissários viajando pelos vários países menores do continente cooptando-os para uma aliança com Mordor (TOLKIEN, 2022).

Assim, pode-se dizer que mesmo Númenor possuindo um grande aparato bélico e naval, e um montante de riquezas incomensuráveis, não os aproveitou adequadamente pois as políticas internacionais e de diplomacia de Númenor eram fracas, e diante dessa falha, outro país, Mordor, que não possuía os mesmos recursos que a nação insular, mas que possuía uma política elaborada de diplomacia, conseguiu crescer a ponto de ameaçar a área de domínio e influência Númenóreana no continente. As diretrizes diplomáticas Númenóreas foram mal aplicadas, pelo menos nessa primeira etapa do processo de colonização e da tentativa de se consolidar Númenor como uma potência dentro da Terra-média. O reino insular falhou pois achava mais interessante manter relações comerciais e de troca de informações, de produção de conhecimento científico e cultural, com os povos élficos, e não deu a devida importância para demonstrar sua força, seu poderio e manter vínculos diplomáticos com as nações humanas. Haja vista que, por um longo tempo, não houve nenhuma ameaça concreta que pudesse desafiar o poder de Númenor entre os Homens, até o surgimento de Mordor (TOLKIEN, 2022).

Mordor se levantou como uma desafiante do poderio dos Elfos e dos Homens do Oeste, e foi impulsionada a agir em um momento em que o poder das nações dominantes ainda não estava de fato consolidado, Sauron vislumbrou a oportunidade perfeita, aproveitando-se da brecha diplomática e das políticas internacionais mal desenvolvidas de Númenor, para poder construir sua zona de influência. Diante das circunstâncias favoráveis, Mordor foi impelida a agir para tentar evitar a consolidação desse poder hegemônico, haja visto que as intenções de seu governante, Sauron, era o domínio de todas as terras continentais, e Númenor e Lindon representavam um grande obstáculo para suas pretensões de poder (TOLKIEN, 2022). Respalhando o que foi elaborado acima, em outro trecho do livro *Política entre as Nações*, Morgenthau faz uma construção interessante :

Em resumo, a relação das nações com a política internacional apresenta uma qualidade dinâmica, que se modifica como decorrência das vicissitudes do poder, e que pode trazer uma nação para a frente da ribalta da luta pelo poder, ou arrancar de uma outra nação a capacidade de participar ativamente. Ela pode modificar-se igualmente sob o impacto de transformações culturais, que podem levar uma nação a buscar outras áreas preferenciais como o comércio, por exemplo, em detrimento do poder (MORGENTHAU, 2003 p. 51) .

Morgenthau afirma então que há uma natureza dinâmica na forma como a política internacional das nações é moldada, e isso fica claro ao se analisar as dinâmicas presentes na Terra-média. A partir da primeira derrota de Sauron, haverá uma nova organização da dinâmica de poder no mundo, os interesses mudam, e Númenor passará a adotar uma nova postura. Com Sauron, o poderio de Númenor foi desafiado pela primeira vez, ou seja, a nação insular se viu ameaçada, e para evitar que situações semelhante voltassem a se repetir no futuro, passaram a adotar medidas que a consolidaram como o grande hegemom da Terra-média. A partir desse episódio, Númenor passou de fato a adotar uma postura maior de demonstração de poder e abrangeu sua participação no âmbito internacional, e passou a exercer de maneira mais branda seu poder político, que para o autor realista “consiste em uma relação entre os que exercitam e aqueles sobre os quais ele é exercido. Ele faculta aos primeiros o controle sobre certas ações dos últimos, mediante ao impacto que os primeiros exercem sobre as mentes deles” (MORGENTHAU,2003).

A partir das considerações feitas, é possível concluir que Sauron surgiu como uma ameaça ao *status quo* de poder vigente, e Lindon e Númenor tiveram que se unir em uma coalizão para combater o seu desafiante. Ou seja, pela visão da Teoria Realista das Relações Internacionais, Mordor pode ser considerada a nação revisionista, tentando substituir o equilíbrio de poder por um novo estado das coisas (MORGENTHAU, 2002).

2.6 A consolidação de Númenor quanto uma potência global

Foi a partir do ano 1800 da Segunda Era que, de fato, Númenor endurece seu processo de colonização e passa a construir bases, fortes e cidades permanentes na Terra-média. Diante da ameaça que Sauron representou para seu poderio no continente, o reino insular decide mostrar sua de fato sua força e todo seu poderio, como diz Tolkien no seguinte trecho de A Queda de Númenor: “Os Númenóreanos haviam provado o poder na Terra-média, e dessa época em diante começaram a construir povoados permanentes nas costas ocidentais, tornando-se demasiado poderosos para que Sauron tentasse sair de Mordor para o oeste durante muito tempo” (TOLKIEN, 2022). Em outra passagem o autor também irá dizer que

“àquela altura, haviam se tornado grandes navegantes explorando todos os mares rumo ao leste, e começavam a ansiar pelo Oeste e pelas águas proibidas; e quanto mais jubilosa era sua vida, mais cobiçavam a imortalidade dos Eldar” (TOLKIEN, 2022). Tolkien diz o seguinte sobre os feitos dessa segunda etapa de expansão do poderio de Númenor:

Na segunda etapa, os dias de Orgulho e Glória e ressentimento da Interdição, começam a buscar riqueza em vez de felicidade. O desejo de escapar à morte produziu um culto dos mortos, e despenderam riqueza e arte em túmulos e memoriais. Estabeleciam agora povoados nas costas ocidentais, mas estes tornaram-se antes fortalezas e "feitorias" de senhores em busca de riqueza, e os Númenóreanos transformaram-se em coletores de impostos que levavam por sobre o mar cada vez mais e mais bens em seus grandes navios. Os Númenóreanos iniciaram a forja de armas e máquinas (TOLKIEN, 2022 p. 244).

É descrito também que o rei Tar-Ciryatan, filho de Tar-Minastir, expandiu ainda mais as já vastas frotas marítimas de Númenor e lançou missões de navegação para os mares do leste, do sul e do norte, Ele retomou as atividades de exploração de recursos naturais da Terra-média, extraindo, sobretudo, minério, metais preciosos e pedras preciosas, e segundo Tolkien, foi a partir desse momento que começaram a oprimir os Homens que viviam no continente, como o autor explica no seguinte trecho:

Inicialmente os Númenóreanos haviam chegado a Terra-média como instrutores e amigos dos Homens menores, afligidos por Sauron; mas agora seus portos se transformaram em fortalezas, mantendo em sujeição amplas terras costeiras. Essas coisas tiveram lugar nos dias de Tar-Ciryatan, o Construtor de Navios, e de Tar-Atanamir, seu filho; e eles eram Homens soberbos, ávidos por riquezas, e puseram os Homens da Terra-média sob tributo, tomando agora antes que dando (TOLKIEN, 2022 p. 214).

Portanto, o que se observa aqui, é justamente o que Morgenthau falou em relação à preparação militar e ao uso efetivo da força de uma nação, que foi comentado previamente. Númenor também corrigiu outra falha, que para o autor realista é considerado o fator crucial para o sucesso de uma nação, a diplomacia. O reino insular passou a mostrar efetivamente seu poderio, com suas vastas frotas dominando os mares, seus exércitos ocupando o litoral e regiões interioranas do continente, passaram inclusive a cobrar impostos da população das áreas em que ocuparam, e passaram a estabelecer de fato relações diplomáticas concretas com os habitantes das regiões da Terra-média. Todos esses fatores só fizeram a materialidade do poder de Númenor crescer ainda mais, de tal maneira que se tornou impossível qualquer competição com aquela nação (TOLKIEN, 2022).

Com essa mudança de paradigmas em sua política internacional, é possível observar outra grande mudança. Os Númenóreanos diminuíram seus acordos e seu relacionamento

com Elfos , pois seu foco agora não estava mais na obtenção de conhecimento e de um intercâmbio cultural, após a guerra contra Sauron, seus anseios passaram a ser outros, de caráter expansionista e econômico, portanto começaram a trilhar um caminho que se distanciava dos povos élficos e se aproximava dos Homens, onde eles realmente conseguiram obter vantagens econômicas e poderiam exercer suas aspirações expansionistas. No entanto, com o passar dos anos, criou-se um forte sentimento de repulsa a cultura e as influências élficas dentro do reino de Númenor (TOLKIEN, 2022).

A aversão a gente élfica começou quando o poderio de Númenor de fato se concretizou como absoluto na Terra-média, e eles passaram a desejar a conquistar o continente de Valinor, conhecido como as terras imortais, que ficavam a oeste da ilha. No entanto, eles eram proibidos de navegar em direção ao Oeste, como Tolkien diz no compilado sobre as histórias de Númenor no livro Contos Inacabados. Todavia, mesmo ansiando por conquistarem as terras imortais, eles ainda acreditavam muito nos preceitos religiosos que os proibiam de tal feito. Tolkien diz que quanto mais Númenor aumentava seu poder, maior passou a ser sua busca pela imortalidade. Como já foi dito, os Númenóreanos possuíam uma média de vida bem maior que a dos Homens de outras regiões do mundo, mas à medida que progrediam em sua missão de dominação global, esses anos de vida passaram a não ser mais “suficientes” para seus anseios (TOLKIEN, 2022).

Enquanto Númenor expandia seu poderio sobre a Terra-média, Sauron trabalhava em segredo, e por volta do ano 2251 da Segunda Era, o senhor de Mordor já havia conseguido reclamar para si tanto os Nove anéis, quanto os Sete anéis. Os Sete, ele distribuiu entre os Anãos, e os Nove entre a raça dos Homens. Tolkien diz que pelo menos três dos Nove anéis foram dados a senhores Númenóreanos que controlavam colônias na Terra-média. Todos os humanos que receberam os anéis sucumbiram ao poderio de Sauron, e se tornaram escravos de sua vontade, seres amaldiçoados que vagavam como sombras a comando de seu mestre, realizando seus desígnios e desejos. Os Homens que sucumbiram ao poder dos anéis, se tornam os espectros do anel, conhecidos como os Nazgul, eles eram os servos mais poderosos de Sauron (TOLKIEN, 2022).

Por muito tempo, o governante de Mordor, buscou brechas para tentar recuperar seu poder, mas era algo praticamente impossível, haja vista que o cerco Númenóreano se fechará de vez, e o reino insular conquistou a hegemonia global. Em 2280, Umbar se estabeleceu como uma grande fortaleza de Númenor, uma das maiores construídas pelos Homens do Oeste no litoral do continente. No ano de 2350 estabeleceram grandes assentamentos populacionais na costa Oeste da Terra-média, pois segundo Tolkien: “sua própria terra lhes

parecia encolhida, e não tinha nenhum descanso ou contentamento nela, e desejavam agora riqueza e domínio da Terra-média, já que o Oeste lhes fora negado”. A partir desse período, grandes cidades, fortes, torres, castelos e feudos Númenóreanos foram construídos na Terra-média, dentre elas Pelargir era a maior e possuía o porto mais importante para o comércio de Númenor. O relacionamento com os Elfos foi se esfriando, e começaram a deixar de lado os costumes élficos que antes eram comuns na cultura Númenóreana, inclusive, começaram a deixar de lado os ritos religiosos e a lealdade aos Valar (TOLKIEN, 2022).

Em um estágio mais avançado, Elfos passaram a não ser mais bem vistos, e Númenor passou a adotar políticas extremamente nacionalistas, que rejeitava tudo aquilo que era estrangeiro. Em relação a esse afastamento entre os povos élficos e os Homens de Númenor é possível aplicar também uma explicação com base nos preceitos realistas, que olha para a cooperação com ceticismo, em que os estados forjam suas alianças com base na racionalidade do Estado, algo que já foi mencionado anteriormente. Ou seja, em alguns momentos faz sentido se aliar a alguns estados e em outros momentos se faz necessária a troca de alianças, haja vista que os interesses nacionais podem se alterar conforme o tempo. Ou seja, Númenor só estava tentando fazer valer a sua vontade individual, e aqui é reforçada mais uma vez a ideia previamente apresentada de que para o realismo alianças não são eternas (TOLKIEN, 2022).

A cada ano que se passava, suas frotas se tornavam cada vez mais imponentes e gloriosas, e quanto a Sauron, só lhe restava tentar perturbar a paz dos Númenóreanos, haja vista que ele estava longe de conseguir poder para desafiá-los de novo. O Senhor do Anéis, enviava seus serviçais, os espectros do anel, para assaltarem fortes, e feudos dos Homens do oeste, mas nunca de fato eram ataques muito efetivos, estavam mais para ações terroristas, haja vista que naquele período Mordor não possuía mais poder que batesse de frente com o reino insular (TOLKIEN, 2022).

Deve também ser dito que dentro de Númenor ainda havia um movimento de resistência da cultura élfica, tal grupo ficou conhecido como os Fiéis. Eles acreditavam que era importante se pensar no progresso de Númenor, mas sem deixar as tradições de lado, pois para ele deixar a amizade com os Elfos de lado, tanto os Elfos do Oeste, quanto os Elfos do Leste, representaria a decadência e o fim de Númenor. Nos anos anteriores à queda, os Fiéis se tornaram minoria política dentro do reino e passaram a ser perseguidos e executados (TOLKIEN, 2022).

O último rei de Númenor foi Ar-Pharazôn, que levou a colonização e a conquista a suas últimas consequências. Pharazôn pode ser considerado um usurpador do trono, pois

quando seu tio, Tar-Palantir morreu, por direito, o trono deveria ser de Tar-Míriel, a filha mais velha do antigo monarca. No entanto, tanto Tar-Palantir, quanto a filha, possuíam um posicionamento favorável aos Fiéis, enquanto boa parte da base política e da população eram contra, aqueles que chamavam de “amigos dos Elfos”. Pharazôn compunha a base que fazia oposição aos Fiéis, e convenceu a toda a base política de Númenor de que ele seria uma herdeiro melhor para suceder o trono do tio, portanto, ele tomou o trono para si e obrigou sua prima, Míriel a se casar com ele. Ar-Pharazôn, foi o vigésimo quinto rei de Númenor, e segundo Tolkien foi o mais poderoso e orgulhoso de todos os seus reis (TOLKIEN, 2022).

Naqueles tempos, Sauron ainda buscava maneiras de desafiar Númenor, como não possuía poder suficiente, mesmo podendo controlar a maioria dos Anéis de Poder, ele deu início a uma série de ataques por todos os domínios Númenóreanos no continente, em atos que, podem ser considerados mais como ações terroristas do de fato atos de guerra (TOLKIEN, 2022). Aqui, podemos mencionar um outro preceito presente em uma vertente dos preceitos neo realistas das Relações Internacionais, especificamente na vertente considerada ofensiva. A vertente neo realista, especificamente Mearsheimer, cunhou um termo que se aplica de maneira apropriada para essas ações praticadas por Sauron, a Chantagem. Para Mearsheimer, a chantagem, que consiste em ameaça do uso da força, apresenta um custo menor que o da guerra, de dá contra-poderes menores e sem aliados muito fortes e não altera a balança de poder em si. Portanto, todas as ações de Sauron realizadas contra Númenor naquele período, podem ser consideradas como ações de Chantagem (MEARSHEIMER, 2007).

Sauron viu nessas ações uma maneira de desafiar Númenor. É importante reforçar que, para além de um líder, Sauron também possuía grande sabedoria, pois era uma entidade “espiritual” do mesmo tipo dos Valar, o que lhe atribuía uma visão mais aguçada do mundo, tudo o que Sauron estava perpetrando naqueles dias fazia parte de um plano maior, seu objetivo não era derrotar o inimigo por meio do combate direto e da guerra, já que ele sabia ser algo impossível (TOLKIEN, 2022). Seu verdadeiro objetivo era fazer Númenor colapsar de dentro para fora, como é perceptível no trecho a seguir:

Ora, Sauron, sabendo da dissensão em Númenor, ponderou sobre como poderia se valer dela para consumir sua vingança. Começou, portanto, a assaltar os portos e fortes dos Númenóreanos e invadiu as terras costeiras sob domínio deles. Como previra, isso provocou a grande ira do Rei, que resolveu desafiar Sauron, o Grande, pela senhoria da Terra-média (TOLKIEN, 2022 p. 246).

Pharazôn construiu ainda mais navios, cooptou mais soldados de suas colônias e estruturou o maior exército que Númenor até então já havia visto, ele navegou até a Terra-média, aportou em Umbar, tomou novamente, e com facilidade, todos os postos e fortes que Sauron havia atacado e marchou rumo a Mordor. O rei de Númenor deu duas opções a Sauron, ou ele se rendia à soberania de Númenor, ou teria sua nação completamente destruída. Sauron, então, se rendeu e reconheceu a soberania Númenóreana (TOLKIEN, 2022).

No ano de 3262 da Segunda Era, o senhor de Mordor foi levado cativo para Númenor, a princípio era visto com repulsa, e odiado por todos, no entanto, com o passar dos anos, por dar bons conselhos, e ser bom em estratégias, além de possuir vastos conhecimentos que ajudaram Númenor a prosperar ainda mais, levando-os a avanços tecnológicos sem precedentes, Sauron passou a ser visto com outros olhos, e chegou a ser nomeado conselheiro do rei. O Senhor dos Anéis, passou a investir contra os Fiéis e as antigas tradições élficas, pregava contra o culto aos Valar e plantava a ideia de que os senhores de Valinor não queriam que Númenor atingisse seu auge de poder pois tinham inveja dos Númenóreanos . Sauron, passou a instigar em Pharazôn a iniciativa de lançar um ataque contra Valinor e enfim conquistar aquelas terras e anexá-las ao império do reino insular (TOLKIEN, 2022) .

Sauron também instaurou em Númenor uma espécie de culto religioso que cultuava Morgoth o primeiro senhor do escuro, ele o usava como prerrogativa para se livrar de seus opositores político, os Fiéis, caçando-os e os sacrificando em um templo que fora construído para tal finalidade. Após alguns anos, Sauron, conseguiu convencer o rei a lançar um ataque direto a Valinor, e foi a partir do ano 3310 da Segunda Era, que se iniciou a construção do Grande Armamento, que consistia em equipamentos de guerra sofisticados, embarcações de alto poder destrutivo e de armas potentes. No ano de 3319, a maior frota naval, e o maior exército que já existiram na Terra-média, finalmente estava pronto, era a demonstração máxima da capacidade de projeção de poder de Númenor. O Grande Armamento, pode ser considerado um dos maiores, se não o maior, feito já realizado pelos Homens do Oeste. E assim naquele mesmo ano, os Númenóreanos se lançaram ao mar e navegaram em direção ao Oeste pela primeira vez desde que o reino fora fundado (TOLKIEN, 2022).

Com base nos preceitos cunhados por Morgenthau, ainda é possível aplicar outra noção do realismo para essa análise, no que concerne aos tipos de imperialismo. Pode-se observar um tipo principal de imperialismo perpetrado por Númenor, que é o imperialismo militar, considerado pelo autor realista o mais antigo, inerente aos grandes impérios conquistadores. Ele diz que uma das vantagens desse tipo de imperialismo, para a nação que o exerce, é que as relações de poder que resultam da conquista militar irão ser alteradas apenas

após uma outra guerra instigada pelos derrotados, as quais os cenários sempre serão desfavoráveis para os últimos mencionados. Como foi possível observar ao longo de tudo o que foi exposto anteriormente, Númenor foi um grande império conquistador, com um exército pujante e um poderio bélico inigualável (MORGENTHAU, 2003).

2.7 A queda de Númenor e o desequilíbrio na balança de poder da Terra-média

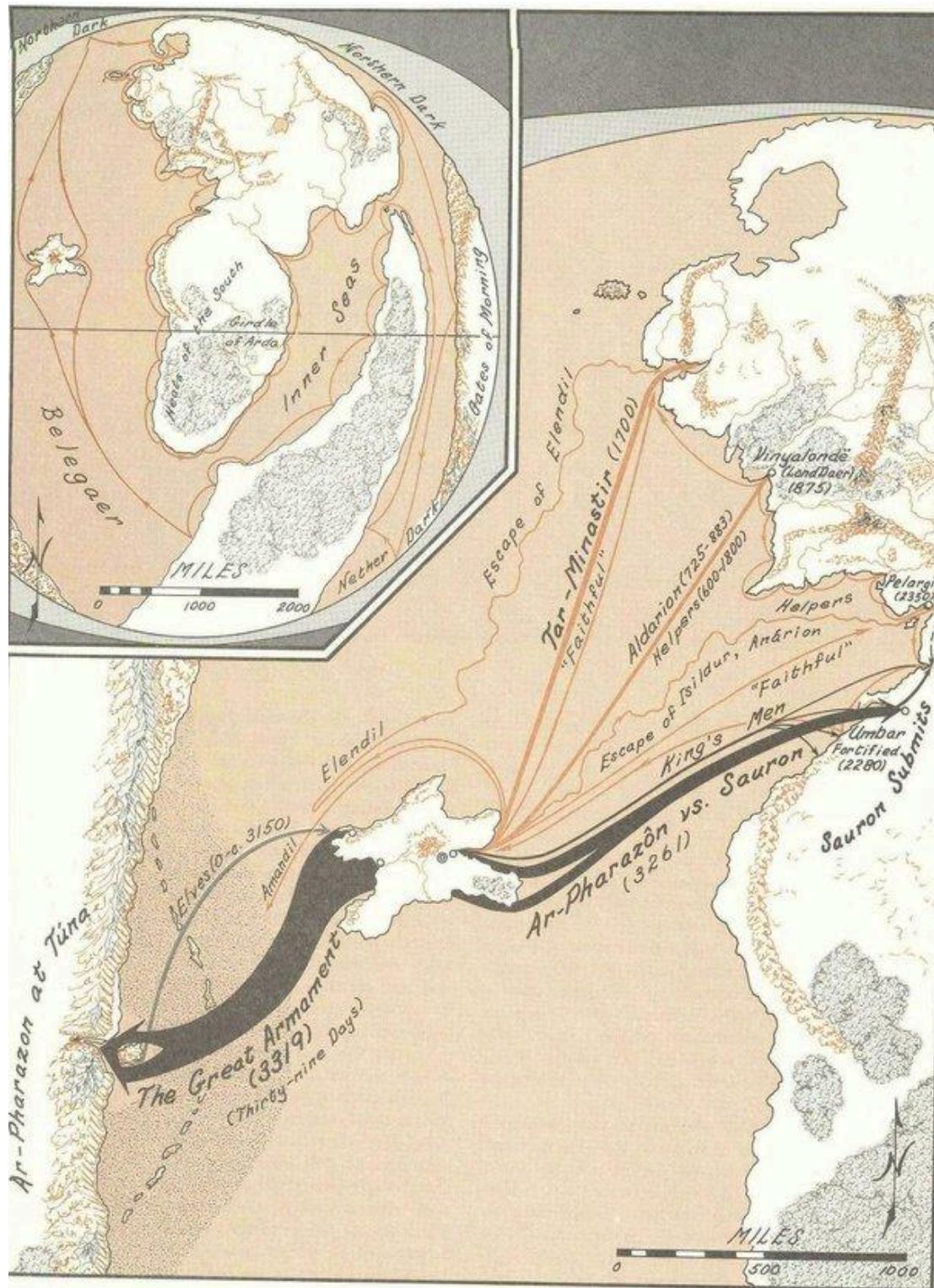
Segundo Tolkien, a ruína de Númenor se deu quando as frotas de Ar-Pharazôn navegaram em direção a Valinor, quando lá chegaram, encontraram a região costeira vazia e foram surpreendidos por um cataclisma que não apenas alterou a forma do mundo, como também varreu Númenor do mapa. Como os Homens profanaram as leis sagradas ao navegar em direção às terras de Valinor com intenções de conquistá-la para, o próprio criador, Eru, decidiu intervir, ele abriu um abismo na região costeira de Valinor, abismo esse, que engoliu toda frota de Pharazôn. A criação dessa fenda, provocou terremotos marítimos e distúrbios sísmicos que alcançaram Númenor. A ilha foi destruída por terremotos, tsunamis e uma explosão vulcânica do monte Meneltarma (TOLKIEN, 2022).

Segundo Tolkien, nada sobrou do reino insular, os únicos sobreviventes foram um pequeno grupo de pessoas pertencentes aos Fiéis, que acreditavam que a incursão de seu rei em direção a Valinor poderia trazer graves consequências para o reino. Então, pensando nisso, assim que Pharazôn se lançou rumo ao Oeste, o grupo também se lançou aos mares, mas em direção a Terra-média, reuniram todo o conhecimento e cultura de Númenor que puderam e conseguiram escapar do expurgo. Tolkien descreve o cataclisma que arrasou Númenor como tão poderoso, que ele chegou a provocar tsunamis no litoral da Terra-média (TOLKIEN, 2022).

Durante a destruição, Sauron teve seu corpo físico destruído, mas como era um ser espiritual, conseguiu sobreviver, e seu espírito fugiu novamente para as terras de Mordor, onde ele se recuperou e construiu uma nova forma para si. Pode-se dizer, que o governante de Mordor, conseguiu por fim seus desígnios, aniquilar o reino insular, e ele conseguiu tal feito não por meio da força, mas por meio de plano intelectual e cuidadosamente pensado. Sauron conhecia a ambição dos Númenóreanos, e sabia também o quanto eles almejavam a vida eterna e conquistar as terras imortais, então, valendo-se de sua sabedoria, e de suas habilidades diplomáticas, ele se infiltrou na corte real, e conseguiu convencer o rei a desafiar o poder dos Valar. Sauron sabia que tal desafio traria drásticas consequências para Númenor, e ele não estava errado. Com a destruição de Númenor, a balança de poder da Terra-média,

que antes estava equilibrada, tendo Númenor com domínio absoluto de praticamente todo o mundo, com exceção apenas do reino de Valinor, ficou instável, com um cenário ainda mais incerto e ainda mais imprevisível (TOLKIEN, 2022).

É importante ressaltar, que durante toda a construção da mitologia da Terra-média, Tolkien, levava muito em consideração a nobreza do homem, a importância de valores, de princípios, da amizade e trazia muitos conceitos a despeito do bem e do mal, e de dois lados antagônicos que se confrontavam, é válido reiterar também, que por mais que a obra de Tolkien trouxesse essa visão ela não era de todo maniqueísta. Por mais que esses elementos, em específico, não caibam nesta análise, eles são importantes para a contextualização da obra que aqui está sendo analisada, e por isso são mencionados. Como dito, para a análise que este trabalho se propõe este aspecto da obra de Tolkien não é importante, até porque as teorias realista e neorrealista das Relações Internacionais não enxergam o mundo sobre esse viés mais “fantasioso” e idealizado das obras de Tolkien, haja vista que as obras que retratam a mitologia da Terra-média são fantasia, e geralmente este estilo de obra propõe a reflexão de certos valores e temas da sociedade e propõe ou induz algum dogma moral, ou algo do tipo, mas esses elementos não são importantes para o que está aqui proposto. O que importa aqui é analisar os atores, ou unidades, como preferia Waltz, que compõem o estado anárquico e como eles se comportam e como influem na dinâmica da balança de poder do universo fictício. É justo frisar que até poderia-se fazer uma análise, a despeito disso com base na visão realista de Morgenthau que leva em conta a “natureza humana” na composição dos estados, mas o foco do trabalho está especificamente posto na balança de poder e como as dinâmicas de poder se organizam.



Legenda: Principais incursões dos Númenóreanos na Terra-média, é possível observar as rotas marítimas das expedições de Aldarion, assim como o curso naval das tropas de Tar-Minastir na primeira guerra contra Sauron. É possível também observar as rotas das colonizações Numenóreanas, a grande viagem de Ar-Pharazôn, tanto para o leste quando capturou Sauron, quanto para o Oeste quando desafiou os Valar, e também é possível observar a rota seguida pelos Fiéis até a Terra-média após a queda. Fonte: Atlas of Middle Earth (1981).

3. A GUERRA DA ÚLTIMA ALIANÇA E A SUA RELAÇÃO COM A QUEDA DE NÚMENOR

3.1 Contextualização dos rearranjos de poder na Terra-média após a queda de Númenor

A destruição de Númenor abriu precedentes para um cenário completamente diferente na Terra-Média, novos reinos se formaram, novas alianças foram forjadas, ve-se o nascimento de um possível novo hegemon, e uma troca de ordem na polaridade da dinâmica internacional, que antes, poderia ser considerada “unipolar”, para uma ordem bipolar. Ve-se aqui um desbalanceamento da balança de poder, e agora várias nações estão na arena para disputar o poderio da Terra-média (TOLKIEN, 2022).

Dentre os Fiéis que conseguiram escapar do cataclisma, estava Elendil e seus dois filhos, Anarion e Isildur. Eles eram descendentes diretos da casa de Elros, o primeiro rei de Númenor, portanto possuíam ascendência real. Com a destruição de seu reino, eles passaram a viver na Terra-média, Elendil ficou nas terras do norte, e lá fundou o reino de Arnor, e seus filhos, Anarion e Isildur ficaram no sul, onde fundaram o reino de Gondor, a qual ambos eram reis. Ambas as nações humanas, que descendiam do antigo reino insular, se estabeleceram na Terra-média de maneira relativamente pacífica, embora tivessem ocorrido focos de resistência por parte de outros reinos humanos menores, encontraram mais dificuldades com essas questões no sul. Pode-se dizer, que essa “facilidade” encontrada para o estabelecimento desses novos reinos, muito se deve às estruturas Númenóreanas que já havia no continente, o que lhes ofereceu um grande suporte. A fundação dos reinos descendentes de Númenor ocorreu no ano de 3320. Apesar de serem dois reinos com muitos recursos, e que descendiam do poderio Númenóreano, podendo serem considerados reinos “herdeiros”, tanto Arnor quanto Gondor não eram Númenor, e não passavam de uma sombra fraca de seu poderio, e estavam longe de possuir a mesma capacidade bélica, tecnológica e militar que o reino insular possuía (TOLKIEN, 2022).

Os reinos élficos estavam isolados, e mesmo que Elendil tenha retomado sua aliança com os Eldar, esses não costumavam interferir tanto nas questões dos Homens, que também não interferiram nas questões dos Elfos. Naquele período, o reino de Lindon minguava e sua influência já não era tão grande quanto costumava ser no começo da Segunda Era, os Elfos que viviam no leste também pouco se importavam com os negócios dos Homens mortais e o

mesmo pode-se dizer da nação dos Anãos, o reino de Khazad-dûm. Os Anãos mantinham um grau ou outro de interações de caráter comercial tanto com Homens quanto com Elfos, mas não era algo muito grandioso e nem muito concreto.

Já no extremo Oriente e no extremo Sul, havia um consenso entre os Homens dessas regiões de que Arnor e Gondor eram uma ameaça a sua soberania, e tinham ciência de que se estabelecessem uma parceria entre si, poderiam desafiar o poderio das nações descendentes de Númenor. E a partir daí que Mordor volta com destaque dentro do “jogo”. O país governado por Sauron voltou a reunir consigo exércitos de orques, além de reforçar as alianças diplomáticas com os antigos rivais de Númenor, e agora rivais de Gondor e Arnor. Sauron reuniu novamente seus serviçais mais poderosos, os espectros do Anel, e começou a usar o seu artefato mágico para demonstrar poder, Barad-dur foi fortificada mais uma vez e Mordor se levantou como a nação mais poderosa do continente, ocupando o lugar que antes fora de Númenor (TOLKIEN, 2022).

3.2 A projeção de poder de Mordor: uma ameaça a todas as nações da Terra-Média

Mordor contava com muitos apoiadores. Como dito, Sauron possuía políticas diplomáticas muito bem definidas, e seu relacionamento com os inimigos de seus inimigos, era bastante equilibrado. Sauron percebeu, que sem Númenor, ele tinha chances reais de conquistar o território que sempre almejava, pois agora, possuía o exército mais poderoso de toda Terra-média, além de contar com um número considerável de aliados e também tinha sob seu comando vários dos Anéis de Poder. Mordor, possuía muitos dos fatores considerados por Morgenthau como essenciais para que uma nação fosse bem-sucedida. Seu território era extremamente bem protegido, a diplomacia era muito bem desenvolvida e robusta, pode se considerar que era superior até mesmo que a diplomacia Númenóreana em seus dias mais gloriosos, e possuía um exército numeroso e bem preparado, com um poderio bélico e tecnológico muito elevados (TOLKIEN, 2022).

Com a balança de poder desequilibrada, sem nenhuma outra nação com poder suficiente, pelo menos naquele momento, para se consolidar de fato como um novo hegemon e criar uma nova balança de poder, Sauron mobilizou suas tropas e realizou seu primeiro ataque no ano de 3429 na cidade de Minas Ithil, uma das três principais fortalezas Gondor. Minas Ithil ficava basicamente na fronteira de Gondor e Mordor, construída nas encostas das Ephel Dúath, que permitiu um ataque súbito e poderoso vindo da nação de Sauron. Isildur

conseguiu escapar do ataque e fugiu com sua família em direção ao norte, para o reino de seu pai, Arnor. Mordor continuou com o ataque e avançou com o mesmo em direção a capital de Gondor, Osgiliath. A cidade era dividida pelo rio Anduin, e possuía um lado ocidental e um lado orinetal, as tropas de Mordor conseguiram ocupar toda a porção oriental e passaram a obter avanços significativos na porção ocidental. As forças de Mordor, praticamente imobilizaram Gondor e realizaram um cerco que durou por anos, sendo seu foco de resistência à fortaleza de Minas Anor (Tirith). Sauron também enviou tropas para o norte, subindo o Anduin com o objetivo de combater e neutralizar uma possível ameaça das nações élficas menores que haviam na porção mais oriental da Terra-média (TOLKIEN, 2022).

Mordor havia conseguido reunir sobre si todas as condições necessárias para que pudesse atacar e demonstrar seu poder. Naquele ponto um novo desenho das dinâmicas de poder da Terra-média começou a ser traçado, e Mordor era uma ameaça gigantesca para todos os povos e nações que habitavam no continente. Nenhuma outra nação, pelo menos não individualmente, possuía poder necessário para bater de frente com o poderio bélico e militar da nação comandada por Sauron. A indústria bélica de Mordor era muito desenvolvida e podiam produzir armas muito poderosas e com alto poder de destruição em escala. Mordor também possuía um sistema energético muito bom, que era favorecido pela sua geografia, que possuía muito minério e carvão (TOLKIEN, 2022).

Ao contrário das demais nações, Mordor também tinha muitas máquinas movidas a vapor, o que facilitava toda a dinâmica do seu processo industrial. Nesses termos, era impossível bater de frente com o país do sul, a única possibilidade de se fazer frente com o poderio da nação conquistadora, era uma aliança significativa e eficaz de todas as outras nações que estavam sendo ameaçadas pelo poderio de Mordor, como é possível verificar no seguinte trecho de A queda de Númenor: “Ora, Elendil e Gil-galad reuniram-se em conselho, pois percebiam que Sauron tornar-se-ia forte demais e sobrepujaria seus inimigos um a um, se não se unissem contra ele. Portanto, fizeram aquela Liga que é chamada de Última Aliança” (TOLKIEN, 2022).

3.3 As alianças forjadas para conter o avanço de Mordor e a mobilização das tropas envolvidas no conflito

Isildur conseguiu escapar do cerco de Minas Ithil e chegou ao reino de seu pai. Lá ele alertou sobre o poder de Mordor e sobre como a nação governada por Sauron representava uma ameaça concreta às demais nações. Diante desse cenário, o rei Elendil decidiu se encontrar com os Elfos para propor uma aliança, já que para ele, essa era a única opção viável para combater o avanço de Mordor. Com isso se formou a Última Aliança, que reuniu todos os exércitos que viam Sauron e Mordor como uma ameaça à sua existência. A maioria dos membros era composta por nações humanas e élficas, mas os Anões de Khazad-dûm também se juntaram a eles. Foi portanto, no ano de 3340 que se formou a Última Aliança, que ficou por aproximadamente um ano inteiro angariando recursos, equiparando tropas e recrutando combatentes (TOLKIEN, 2022). Apesar da aliança, Tolkien diz o seguinte em um trecho presente em A queda de Númenor:

Gil-galad e Elendil marcharam para o leste da Terra-média congregando uma grande hoste de Elfos e Homens; e se detiveram por algum tempo em Imladris. Dizem que a hoste que se ajuntou lá era a mais bela e a mais esplêndida em armas que qualquer uma surgida desde então na Terra-média, e nenhuma maior que ela tinha sido convocada desde que a hoste dos Valar atacara as Thangorodrim (TOLKIEN, 2022 p. 285).

Aqui, é possível observar outro preceito pregado pelo realismo, que as alianças são forjadas por interesses mútuos e por um “instinto” de sobrevivência das nações, dos atores ali envolvidos. A Última Aliança, portanto, se construiu como uma medida de defesa das independências das nações ameaçadas, contra um potencial conquistador. Portanto, essa união entre essas nações, tendia ao equilíbrio, se colocando como oposição àquilo que representava uma ameaça (TOLKIEN, 2022). Analisando sob a perspectiva de Waltz, pode-se também dizer que a aliança formada entre Homens e Elfos, é do tipo em que as nações arriscam sua própria sobrevivência se não conseguem conter uma possível potência hegemônica (WALTZ, 1998).

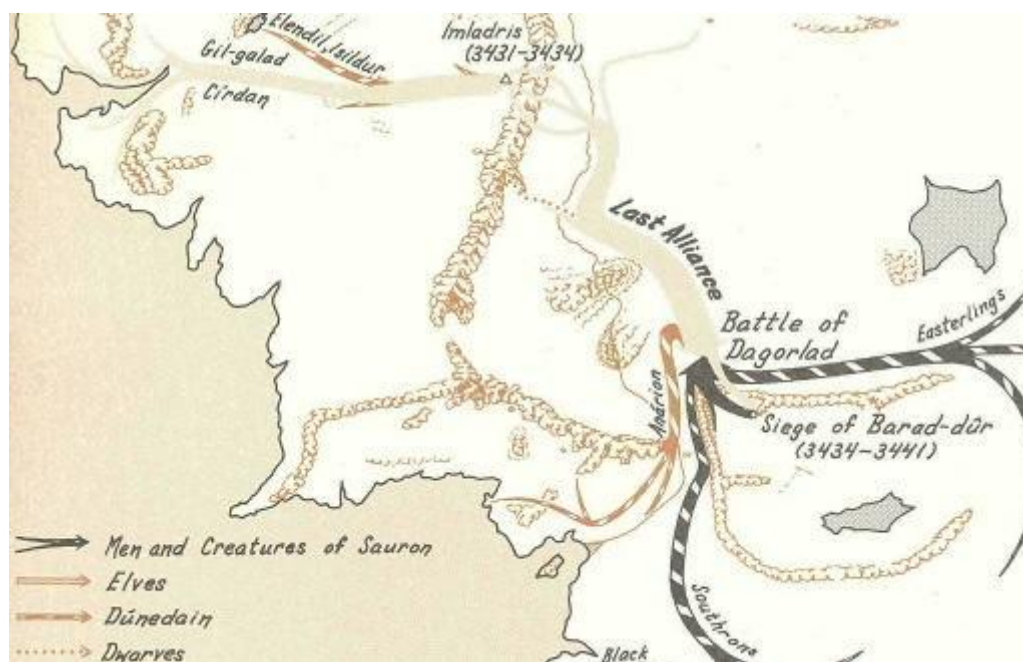
É possível afirmar, que a principal motivação dessas união entre Homens e Elfos, é a sobrevivência de suas nações, haja vista que a possível nova potência hegemônica, Mordor, tinha intenções muito explícitas de conquistar e de aniquilar Arnor, Gondor e Lindon. Mesmo que Elfos e Homens não possuíssem relações muito estreitas há séculos, essa grande ameaça que colocava a sobrevivência de todos eles em risco, os compeliu a uma união que levou a uma guerra direta contra as forças de Mordor (TOLKIEN, 2022).

A aliança passou três anos em Imladris se preparando, e no ano de 3434, as tropas, que além de Arnor, Gondor e Lindon, possuía o apoio de nações menores, marcharam em direção ao conflito, atravessaram as montanhas Nevoentas e adentraram as terras de Rhovanion. Enquanto isso, uma aliança menor de Elfos se formou, eram os Elfos de Lórien e do reino da Floresta. Eles não esperaram os aliados da Última Aliança e optaram por atacar as forças de Sauron que avançavam pelo Anduin antes. Para enfraquecer seus inimigos que atacavam pelo Anduin, Tolkien diz que “Sauron adotou uma política de terra queimada e queimou a terra delas contra o avanço dos Aliados Anduin abaixo” (TOLKIEN, 2022).

Oropher, líder dos Elfos da Floresta (Elfos Silvestres), lançou o primeiro ataque direto contra as forças de Mordor que tentavam o controle das regiões a leste do Anduin. Como dito, ele não esperou a chegada das forças da Última Aliança, e tampouco estava interessado a se submeter às ordens de Gil-galad e de Lindon, algo que pode ser considerado um erro estratégico de sua parte, se for levar em consideração os preceitos do realismo. Oropher, conseguiu reunir um exército grande, não tão numeroso quanto o da Última Aliança e o de Mordor, mas sabiam usar o território a seu favor (TOLKIEN, 2022).

A partir desse momento, em que os Elfos Silvestres realizam o movimento de atacar as forças de Sauron, tem-se início um dos momentos mais dramáticos dessa guerra, a famigerada batalha de Dagorlad. A batalha foi uma das maiores já presenciadas na história da Terra-média e promoveu um verdadeiro massacre. As forças dos Elfos independentes foram praticamente aniquiladas, mas conseguiram resistir até a chegada das tropas da grande aliança. Fato é que, mesmo com várias baixas, Oropher e seus aliados de Lórien, conseguiram também causar grandes perdas para as tropas de Sauron, justamente por seu conhecimento da região e por possuírem guerreiros resistentes e bem treinados, mesmo com poderio bélico bem inferior ao de Mordor. A chegada das forças de Elfos e Homens, possibilitou com que os aliados vencessem a batalha, consolidando estas como uma das maiores derrotas de Sauron. Realizando uma breve paralelo com a realidade, pode-se dizer que a derrota de Sauron em Dagorlad está para Stalingrado para as forças da Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial (TOLKIEN, 2022).

Oropher ainda mobilizou algumas tropas em direção a Mordor, mas acabou morto. Com isso, as forças da Última Aliança se reagruparam e marcharam com tudo para o país governado por Sauron. Mordor ficou com suas defesas e tropas extremamente fragilizadas com a derrota em Dagorlad, mas ainda possuíam capacidade de resistência e vastos exércitos, e Sauron mantinha consigo o Um Anel, que lhe confere inúmeras vantagens na guerra. As forças de Mordor voltaram a se concentrar e a se reagrupar dentro do território do próprio país, onde construíram uma linha de defesa poderosa contra a Última Aliança (TOLKIEN, 2022).



Legenda: O mapa mostra o deslocamento das tropas da Última Aliança e das forças de Mordor durante a Guerra da Última Aliança. Fonte: Atlas of Middle Earth (1981).

3.4 O fim do conflito e as novas estruturas de poder na Terra-Média

Com a necessidade de defender seu território de um ataque inimigo, Sauron concentrou todas as suas tropas e defesas dentro das fronteiras de Mordor, o que fez com que outras regiões conquistadas fossem perdidas, como o reino de Gondor. Com isso iniciou-se o momento final da guerra, com as tropas da Última Aliança realizando um cerco a Mordor. O cerco foi difícil e durou cerca de um ano, pois as tropas de Sauron conseguiam defender bem as fortalezas. No entanto, a aliança, naquele momento, possuía um exército maior, com bem mais combatentes, e aos poucos conseguiram avançar pelo território do país inimigo, até que por fim cercaram Sauron em sua fortaleza de Barad-dûr. Em dado momento, o próprio Sauron

saiu de dentro de sua fortaleza para lutar, e foi nesse momento que as forças de Mordor conseguiram repelir por um momento as forças da Última Aliança (TOLKIEN, 2022) .

Por um breve período, as forças de Mordor tiveram vantagens sobre as tropas de Elfos e Homens, tendo Sauron conseguido matar Gil-galad e o próprio Elendil. Como dito, o anel de poder em sua mão, além de sua capacidade de controlar os demais anéis, lhe conferia uma grande vantagem em relação aos seus inimigos. A batalha então se voltou para as encostas de Orodruin, onde, por um período de tempo as tropas de Mordor obtiveram vantagem contra a liga formada por Homens e Elfos. No entanto as vantagens não duraram muito, pois Isildur se engajou em uma batalha corporal contra o próprio Sauron, e com um golpe da espada quebrada que antes fora de seu pai, decepcionou a mão de Sauron na qual estava o Anel, levando a derrota a seu inimigo. Sauron foi derrotado pois sua nova forma física, estava atada diretamente ao Anel, e sem ele em seu dedo, seu corpo se desfez. Com a forma física de Sauron destruída, seus aliados e tropas bateram em retirada, foram perseguidos pelas forças da Última Aliança e aniquilados. Como parte das estruturas de Mordor também eram mantidas pela magia do Anel, muitas delas se desfizeram e a tomada do país pelas forças humanas e élficas se tornou inevitável (TOLKIEN, 2022).

Com a derrota de Sauron no ano de 3441, surgia na Terra-média um novo período, uma ordem bipolar, com duas nações humanas principais regendo as dinâmicas da balança: Gondor e Arnor. O reino élfico de Lindon teve sua importância no cenário internacional drasticamente diminuída, e aos poucos foi se esvaindo até desaparecer de vez. Os reinos élficos, no geral, perderam completamente sua importância, passaram a manter uma influência pequena nos rumos da política internacional da Terra-média, possuindo uma influência mais limitada e mais regional, e com o passar dos anos, muitos de seus territórios foram ocupados por Homens (TOLKIEN, 2022). Por um tempo, Arnor e Gondor tiveram que se preocupar com outras nações humanas inimigas, mas nunca representaram de fato uma ameaça concreta. Com isso, tem-se o fim da Segunda Era, um período marcado por mudanças bruscas na balança de poder da Terra-média, e de uma luta pela conquista da hegemonia global (TOLKIEN, 2022).

CONCLUSÃO

Como observado, a obra de Tolkien é muito rica e vasta, e a partir dela é possível realizar várias análises nas mais diversas áreas do conhecimento, e com as Relações Internacionais não é diferente. A obra de Tolkien, como apresentada ao longo de todo esse trabalho, é muito complexa e apresenta uma rica construção de mundo, que reflete em sua essência elementos do mundo real, que são de fato estudados pelo campo das RI. Como ficou perceptível ao longo do desenvolvimento, o universo da Terra-média apresenta uma dinâmica de política e de poder muito interessante, construída de maneira cuidadosa pelo autor. As mesmas dinâmicas de Balança de Poder, de *status quo* e de guerra que são cunhados tanto pelo realismo quanto pelo neo realismo, estão presentes no *Legendarium* do escritor britânico.

O mundo fictício de Arda traz Númenor, simbolizando uma hegemonia e uma potência global que mantém a balança de poder equilibrada, e sem essa nação, o ambiente internacional se torna muito mais instável e propenso a uma grande desordem, ou seja, o cenário internacional fica mais propenso a guerras, como foi possível observar ao longo de toda a análise. Númenor se tornou tão poderosa ao longo da Segunda Era, que nenhuma outra nação da Terra-média conseguia desafiá-la, reunia sobre si uma gama de poder bélico e militar nunca antes visto dentro do universo fictício. Quando caiu, Númenor deixou um vácuo de poder, que passou a ser disputado pelas nações menores da Terra-média, que levou uma guerra violenta, que se deu principalmente por Mordor, que há anos vinha tentando desafiar o *status quo* da Terra-média.

Analisar essa obra, permite com que se enxergue o mundo real com outros olhos, pois dentro da obra de Tolkien consegue-se identificar situações que acontecem no mundo real, por exemplo, é impossível não analisar a dinâmica de Mordor e sua ascensão e não fazer uma associação, mesmo que vaga a ascensão do Terceiro Reich, que surgiu como um desafiante ao status quo europeu, e que tinha objetivos imperialista e colonialistas, assim como Mordor. E da mesma maneira, que Sauron, o tirano que governa Mordor, e julgado como moralmente ruim dentro da história, Hitler, o tirano da Alemanha Nazista também e considerado pela história como uma figura execrável. Não é possível mensurar até que ponto a vida real inspirou Tolkien na construção de seu universo, mas é impossível analisar a obra e não fazer associações, principalmente com o período temporal que vai da Primeira Guerra Mundial a Segunda Guerra Mundial, afinal, foi durante esse período que o autor britânico escreveu a maior parte de suas histórias.

A obra de Tolkien serve como uma ferramenta pedagógica incrível para se entender preceitos das Relações Internacionais, e como foi analisado ao longo de toda argumentação, a

obra de fantasia vai de encontro com vários conceitos estudados pelos grandes teóricos das RI. Neste trabalho, o foco foi maior em Morgenthau, mas também houve a utilização de outros autores para explicar fenômenos que não foram previstos e analisados de maneira profunda pelo pai do realismo. Fato é que a arte em geral, e a literatura em particular, está presente dentro do campo de estudos das Relações Internacionais, e ela é uma ferramenta muito importante e interessante para que os internacionalistas possam analisar também as dinâmicas do mundo real. É um recurso que presta um grande auxílio para as análises propostas por essa área do conhecimento, além de possibilitar a promoção dos estudos das Relações Internacionais para públicos que geralmente não teriam acesso a esses conhecimentos e as produções intelectuais e acadêmicas da área.

REFERÊNCIAS

CARPENTER, H. **J.R.R. Tolkien : Uma biografia. Brasil:** [s. n.], 2018.

FONSTAD, K.W . **Atlas of Middle Earth:** [s. n.], 1981.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** Brasil: Atlas, 2002. ISBN 85-224-3169-8.

Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 18 jan. 2023.

MEARSHEIMER, JOHN. **TRAGEDIA DA POLITICA DAS GRANDES POTÊNCIAS.** 1. ed. [S. l.]: Editora Gradiva, 2007. ISBN 9896161755.

MORGENTHAU, H. **A POLÍTICA ENTRE AS NAÇÕES.** Brasil: [s. n.], 2003.

TOLKIEN , J.R.R. **Contos Inacabados.** Brasil: Harper Collins Brasil, 2020. 624 p. ISBN 9788595085701.

TOLKIEN , J.R.R. **A queda de Númenor.** 1. ed. [S. l.]: Harper Collins Brasil, 2022. 342 p. v. 1. ISBN 9786555113983.

TOLKIEN , J.R.R. **O Senhor dos Anéis.** Brasil: Harper Collins Brasil, 2019. 1678 p.

TOLKIEN , J.R.R. **O Silmarillion.** Brasil: Harper Collins Brasil, 2019. 494 p. ISBN 9788595084377. KISSINGER , H. **Diplomacy.** [S. l.: s. n.], 1994.

WALTZ , K. N. **The Origins of War in Neorealist Theory.** Journal of interdisciplinary History , [s. l.], v. 18, n. 4, 1988.

WALTZ , K. N. **Theory of International Politics.** Estados Unidos da América: Addison-Wesley Publishing Company, 1979. 251 p. v. 1. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Theory%20of%20International%20Politics%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Theory%20of%20International%20Politics%20(2).pdf). Acesso em: 11 jan. 2023.